

ÑANDE ROGA

Projeto Arquitetônico de um Centro Cultural para a diversidade e
requalificação urbana de Foz do Iguaçu.

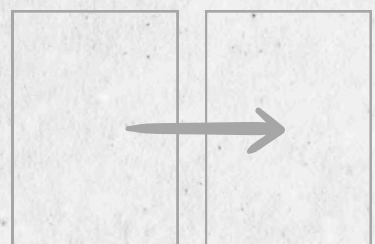


Figura 1. Fonte: Adaptado de Rawpixel.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA

ARQUITETURA & URBANISMO
MAINÃ PEREIRA GRILLO

Este trabalho foi diagramado em formato de revista, com páginas pensadas em continuidade. Para melhor visualização, recomenda-se ativar a exibição em duas páginas no PDF.



MAINÃ PEREIRA GRILLO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de tecnologia, infraestrutura e território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof. Dra. Celine Felicio Verissimo

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dra. Celine Felicio Verissimo

Banca Interna: Prof. Dr. Gabriel Rodrigues da Cunha

Banca Externa: Me. Luiz Henrique Dias da Silva:

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso propôs um projeto arquitetônico para um Centro Cultural, com foco na promoção da arte, da cultura, do ambiente e da inclusão social no centro de Foz do Iguaçu. A proposta surgiu como resposta à carência de espaços culturais que sejam, ao mesmo tempo, acessíveis, inclusivos e acolhedores para a população local. Além disso, reconhece-se a importância fundamental do espaço público na vida urbana da cidade. Embora Foz do Iguaçu apresente uma vida social ativa e esteja situada em uma região privilegiada pela biodiversidade da Mata Atlântica — especialmente pela presença do Parque Nacional do Iguaçu — a cidade ainda carece de infraestrutura adequada em termos de espaços públicos e culturais que potencializam a inclusão socioambiental. Os espaços públicos, além de estruturarem fisicamente a cidade, são arenas simbólicas onde se constroem e se expressam relações sociais, culturais, políticas e econômicas. Assim, garantir qualidade e acesso democrático a esses espaços é essencial para o fortalecimento de uma cidade mais justa, integradora e culturalmente diversificada.

O projeto foi implantado em um terreno ocioso e terraplanado devoluto no centro de Foz do Iguaçu, ao lado do Terminal de Transporte Urbano (TTU) entre o Bosque Guarani e a floresta do Batalhão do Exército no qual atualmente funciona um estacionamento pago (Ver fig. 57 e 58). A escolha do local fundamenta-se em sua relevância estratégica e no potencial de articulação com o Terminal de Transporte Urbano (TTU), o Bosque Guarani e futuras intervenções na região central de Foz do Iguaçu.

A proposta dialoga com áreas do conhecimento voltadas ao planejamento de espaços públicos, paisagismo e à criação arquitetônica de equipamentos comunitários, neste caso, centro cultural. O trabalho teve como objetivo desenvolver uma solução arquitetônica inclusiva e acessível, que valorize a diversidade cultural local, a inclusão social, reafirmando o direito à cidade e o direito à qualidade ambiental. A metodologia adotada compreende pesquisa teórica, entrevistas, diagnóstico urbano, criação de diretrizes projetuais e elaboração de anteprojeto arquitetônico. Como resultado, será apresentada uma proposta para uma praça pública e um centro cultural e comunitário que fortaleça a vida urbana e a inclusão social, amplie o acesso à cultura e contribua para a requalificação urbana e ambiental do centro da cidade.

Palavra-chave: Projeto de arquitetura, Centro cultural e comunitário; praça pública; Identidade cultural; Direito à cidade; inclusão socioambiental.

RESUMEN

Este Proyecto Final de Carrera propone el desarrollo de un diseño arquitectónico para un Centro Cultural en Foz de Iguazú, centrado en la promoción del arte, la cultura, el medio ambiente y la inclusión social. La propuesta surgió como respuesta a la falta de espacios culturales que fueran accesibles, inclusivos y acogedores para la población local. Además, reconoce la importancia fundamental del espacio público en la vida urbana de la ciudad. Si bien Foz de Iguazú cuenta con una activa vida social y se ubica en una región privilegiada por la biodiversidad de la Mata Atlántica, especialmente debido a la presencia del Parque Nacional del Iguazú, la ciudad aún carece de una infraestructura adecuada en términos de espacios públicos y culturales que también valoren el aspecto socioambiental. Los espacios públicos, además de estructurar físicamente la ciudad, son escenarios simbólicos donde se construyen y expresan las relaciones sociales, culturales, políticas y económicas. Por lo tanto, garantizar el acceso democrático y de calidad a estos espacios es esencial para fortalecer una ciudad más justa e inclusiva.

El proyecto se implementó en un terreno baldío y nivelado en el centro de Foz do Iguazú, cerca de la Terminal de Transporte Urbano (TTU), entre la Selva Guaraní y la Selva del Batallón del Ejército (Ver Fig.57 e 58). La elección de la ubicación se basa en su relevancia estratégica y su potencial de articulación con la Terminal de Transporte Urbano (TTU), la Selva Guaraní y futuras intervenciones en la región central de Foz do Iguazú.

Se propone un diálogo con áreas de conocimiento centradas en la planificación de espacios públicos y la creación de equipamientos comunitarios, como un centro cultural. El objetivo del trabajo es desarrollar una solución arquitectónica inclusiva y accesible que valore la diversidad cultural local y reafirme el rumbo de la ciudad. La metodología adoptada incluye investigación teórica, entrevistas, diagnóstico urbano y la elaboración de un proyecto arquitectónico. Como resultado, se presentará una propuesta que fortalezca la vida pública, amplíe el acceso a la cultura y contribuya a la recalificación urbana del centro de la ciudad.

Palabras clave: Proyecto arquitectónico; Centro cultural y comunitario; Plaza pública; Identidad cultural; Directo a la ciudad; Incluso socioambiental.

SUMÁRIO

1

INTRODUÇÃO

2

REFERENCIAL TEÓRICO

3

ESTUDOS DE CASO

4

ESTUDOS PRELIMINARES

5

ANTEPROJETO

6

REFERÊNCIAS

01

INTRODUÇÃO

Foz do Iguaçu, situada na tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, é amplamente reconhecida por sua intensa atividade turística, pela presença da Usina de Itaipu e do Parque Nacional do Iguaçu. Sua identidade multicultural é fruto da convivência histórica entre diversos grupos étnicos, religiosos e nacionais, desde sua ocupação, que começou ainda no final do século XIX.

No entanto, essa riqueza cultural não se traduz de forma plena devido à ausência e precariedade de espaços públicos e equipamentos culturais. A cidade de Foz do Iguaçu é um território segregado que carece de equipamentos coletivos acessíveis e de qualidade, bem estruturados e concebidos para acolher, promover e visibilizar as expressões culturais locais e comunitárias. Apesar de estar situada em uma região de grande riqueza ambiental, marcada pela biodiversidade da Mata Atlântica e pela presença do Parque Nacional do Iguaçu, Foz do Iguaçu carece de arborização urbana, parques e praças públicas acessíveis e qualificadas. Trata-se de uma cidade profundamente desigual e ainda atravessada por um conservadorismo que, historicamente, tem negligenciado o patrimônio cultural e ambiental como vetor estratégico para o desenvolvimento urbano e a promoção da inclusão socioambiental.

Soma-se a isso o contexto de militarização do território, decorrente de seu posicionamento geopolítico na fronteira, que reforça uma lógica de vigilância e controle em detrimento de políticas de cuidado, convivência e participação cidadã. A presença ostensiva de forças de segurança nos espaços urbanos muitas vezes substitui a presença de iniciativas culturais públicas, limitando o direito à cidade e silenciando formas populares de expressão. Diante disso, questiona-se: **como a arquitetura pode contribuir para a inclusão, a valorização da diversidade e a ocupação qualificada do espaço urbano na natureza por meio de um centro cultural em Foz do Iguaçu?**

Figura 2. Fonte: Autoral 2025.

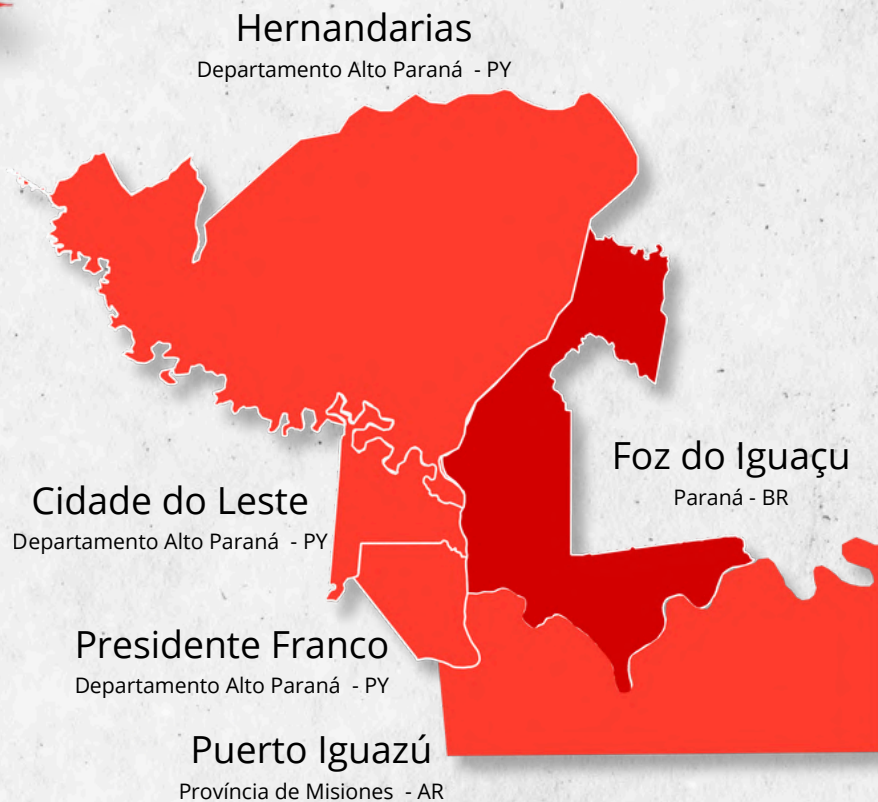


Figura 3. Fonte: Autoral 2025.

A cidade carece de equipamentos culturais acessíveis, que possam contribuir para a inclusão social e a valorização das múltiplas manifestações artísticas locais. Essa carência revela não apenas um investimento público insuficiente, mas também uma baixa vontade política em reconhecer a importância da cultura para o desenvolvimento local e a inclusão social, desconsiderando a rica e diversa composição cultural que caracteriza Foz do Iguaçu, assim como a infraestrutura necessária para acolhê-la. Essa lacuna evidencia não só uma falha na distribuição dos recursos urbanos, mas também uma negligência histórica em relação ao papel da cultura como elemento estruturante da vida urbana. A ausência de espaços públicos socioambientalmente qualificados destinados à convivência, à criação artística e ao intercâmbio cultural e exercício da cidadania compromete a efetivação do direito à cultura, previsto nas diretrizes da Constituição Federal de 1988, e restringe a possibilidade de uma ocupação mais democrática e inclusiva do território urbano.

“[...] a liberdade de fazer e refazer nossas cidades e a nós mesmos é um dos mais preciosos direitos humanos, muitas vezes negligenciado.”
(HARVEY, 2012, p. 26)

Como iguaçuense, essa realidade se torna ainda mais perceptível no cotidiano: a falta de centros culturais voltados à população local se manifesta na escassez de espaços onde diferentes grupos sociais possam se encontrar, se expressar e construir vínculos.



Esquema desenvolvido pela autora.



Figura 4. Fonte: Hotel Del Rey.

Nesse sentido, esta pesquisa ganha relevância não apenas no âmbito acadêmico, mas também social, urbano e institucional. Ao propor o desenvolvimento de um projeto arquitetônico para um Centro Cultural em Foz do Iguaçu, este projeto contribui para a reflexão sobre o papel da arquitetura como ferramenta de transformação socioambiental e promoção da equidade no acesso aos bens culturais. Além disso, insere-se no campo do planejamento urbano e projeto de edificações públicas, com potencial de oferecer subsídios técnicos e conceituais para políticas culturais, arquitetônicas e urbanas mais socioambientalmente integradas.

A importância do trabalho estende-se ainda ao campo dos serviços comunitários, ao propor um espaço que pode funcionar como ponto de encontro, formação, lazer, comunidade e fortalecimento da cidadania.

Para o curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), essa pesquisa representa uma contribuição significativa por articular, de forma crítica e prática, os conhecimentos técnicos e teóricos da formação acadêmica com os contextos socioculturais específicos da região trinacional. Ao tratar de temas como inclusão, diversidade, direito à cidade, requalificação urbana e a valorização do componente ambiental e paisagístico biocultural, o projeto dialoga diretamente com os princípios da UNILA, que busca formar profissionais comprometidos com as transformações sociais na América Latina.

OBJETIVO

Projetar um centro cultural e comunitário que se configure como uma praça pública integrada a um edifício, voltado à inclusão socioambiental, foi o objetivo central desta proposta. O espaço pretende atuar como agente de integração social, estímulo à expressão artística e valorização da identidade cultural de Foz do Iguaçu. A iniciativa partiu da compreensão da arquitetura como instrumento de transformação social e de efetivação do direito à cidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

01. Identificar as demandas culturais da população local - incluindo periferias urbanas.
02. Realizar o mapeamento dos espaços e das dinâmicas onde ocorrem as trocas culturais e identificar as atividades desenvolvidas e atores envolvidos.
03. Analisar a arquitetura fronteiriça com o objetivo de desenvolver um projeto coerente e adaptado ao contexto local, considerando as tipologias, os materiais e os sistemas construtivos característicos da região, assim como mapear os materiais naturais e industriais mais disponíveis no território.
04. Elaborar um programa de necessidades fundamentado no mapeamento das dinâmicas culturais formais e informais presentes na cidade, aliado à escuta ativa da comunidade, por meio do diálogo com moradores e atores culturais.
05. Definir diretrizes projetivas para espaços públicos e equipamento cultural e comunitário no contexto de Foz do Iguaçu de base biocultural.
06. Desenvolver um projeto arquitetônico para um Centro Cultural e Comunitário e Praça Pública que possa contribuir para a inclusão socioambiental.



Figura 51. Fonte: Hope McConnell (Pinterest).

METODOLOGIA

A presente monografia, que corresponde à conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo, possui um caráter teórico-prático, combinou uma base teórica necessária para a definição do conceito, programa funcional e diretrizes orientadoras do projeto da praça e do edifício. Este trabalho está vinculado ao eixo do Ateliê Integrado do Curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU) da UNILA. A metodologia adotada estruturou-se em cinco etapas complementares que articulam pesquisa de campo, análise crítica e projeto.

As etapas metodológicas deste trabalho foram desenvolvidas com o objetivo de fundamentar a proposta projetual e foram detalhadamente discutidas no Capítulo 4 e 5. Na etapa 1 consistiu na aplicação de entrevistas e questionários voltados à população de Foz do Iguaçu, com o intuito de compreender suas demandas culturais. Na etapa 2, foi realizado o mapeamento dos espaços de trocas culturais da cidade, por meio de observação direta e ferramentas digitais, permitindo identificar práticas e locais culturais, formais e informais. A etapa 3, envolveu a análise da arquitetura e da paisagem regional e fronteira, através de pesquisa bibliográfica e análise visual, com foco nos materiais, nas tipologias e nos sistemas construtivos característicos da região.

Com base nos dados obtidos nas etapas anteriores, elaborou-se o programa de necessidades (etapa 4), que foi desenvolvido juntamente com a definição do conceito do projeto, ambos fundamentados nas demandas culturais identificadas na cidade. Na etapa 5, propõe-se a criação de um Centro Cultural e comunitário articulado com o contexto urbano da tríplice fronteira e comprometido com a valorização cultural. Todas as fases de pesquisa e os estudos preliminares foram integralmente concluídos, constituindo a base necessária para a etapa seguinte: o desenvolvimento do projeto arquitetônico.

Epistemologicamente, esta pesquisa se apoiou nas contribuições do direito à cidade (Henri Lefebvre, David Harvey) e nas epistemologias do Sul, que desafiam os paradigmas hegemônicos e eurocêntricos do conhecimento, valorizando saberes locais, plurais e decoloniais. O projeto adotou a perspectiva do “Diseños del Sur” (Design do Sul), proposta por Barrenechea e Gutiérrez Borrero (2020), que defende um design crítico e contextualizado, comprometido com as realidades sociais e culturais das periferias e fronteiras latino-americanas. Essa abordagem epistemológica sustenta o pensamento projetual como um ato político e ético, que busca a transformação social a partir do reconhecimento da diversidade cultural, da inclusão e da justiça espacial.



Entrevista

Para atender ao Objetivo 4, foi realizada uma entrevista com Luiz Henrique Dias, que atuou na área da cultura de Foz do Iguaçu por alguns anos, ele destacou a importância de um teatro destinado a apresentações cênicas, além da relevância de se trabalhar com salas equipadas com sistemas multimídia e audiovisuais, considerando que esses recursos estão cada vez mais presentes, especialmente entre o público jovem.

Análise dos Hábitos Culturais em Foz do Iguaçu

Com o objetivo de compreender os hábitos culturais da população de Foz do Iguaçu e justificar a criação de um Centro Cultural, foi aplicado um questionário com 57 moradores da cidade, de diferentes faixas etárias (ver formulário aplicado: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeN_XzdPBzwfep5mF4rZ4mObYDLr2GxVRw2ZSUmF5b8hb85g/viewform?usp=sharing&ouid=115083387230318442759). As perguntas investigaram o acesso, o interesse e a percepção sobre as atividades culturais no município. Os resultados indicaram que 59% dos entrevistados participam regularmente de atividades culturais como apresentações musicais, teatro, exposições e oficinas. Outros 27% afirmam frequentar esses eventos ocasionalmente, enquanto apenas 14% raramente ou nunca participam.

Esses dados sugerem um interesse significativo por cultura e revelam que há um público ativo, ainda que muitas vezes limitado pela falta de acesso ou oferta. Quando perguntados sobre a importância de um novo Centro Cultural, 91% dos entrevistados acreditam que esse tipo de equipamento fortaleceria a vida cultural da cidade, promovendo o acesso, o pertencimento e a valorização da diversidade. Além disso, sugeriram que o espaço ofereça atividades intergeracionais, programação contínua e infraestrutura acessível, reforçando a necessidade de um espaço cultural democrático e inclusivo.

Esses dados evidenciaram não apenas o interesse da população por cultura, mas também a relevância de um equipamento público que articule arte, memória, identidade e inclusão em um único espaço. Assim, a proposta deste TCC procura se alinhar às demandas reais da comunidade, contribuindo para ampliar o direito à cidade, a inclusão socioambiental e à cultura.



Elemento gráfico.

02

REFERENCIAL TEÓRICO

ARQUITETURA, CULTURA E DIVERSIDADE

A cultura é um componente estruturante da vida urbana e se expressa por meio das práticas sociais, dos símbolos, das memórias coletivas e das formas de apropriação do espaço. Em cidades como Foz do Iguaçu, marcadas pela diversidade étnica, linguística e religiosa, a arquitetura deve se posicionar como mediadora entre diferentes modos de vida, promovendo espaços de convivência e reconhecimento da multiculturalidade.

Marina Waisman (2000), em *O Interior da História*, propõe uma abordagem crítica da arquitetura latino-americana, defendendo uma prática que se comprometa com a memória e a cultura dos lugares. Para a autora, a arquitetura deve refletir os sentidos profundos de uma sociedade, e não apenas reproduzir modelos formais ou hegemônicos:

“[...] a arquitetura deve ser uma leitura crítica da realidade, capaz de expressar os sentidos profundos de um povo” (WAISMAN, 2000, p. 33).

Essa perspectiva é ampliada por Néstor García Canclini (1997), ao introduzir a noção de culturas

híbridas, em que a cidade é palco de interações, sobreposições e resistências culturais.

Segundo ele, “os centros culturais tornam-se mediações simbólicas em sociedades fragmentadas, onde diferentes lógicas culturais coexistem e se confrontam” (CANCLINI, 1997, p. 126). Tal compreensão é particularmente relevante em regiões de fronteira como Foz do Iguaçu, onde a convivência entre diferentes grupos culturais, sociais e nacionais exige espaços de articulação e reconhecimento.

Teixeira Coelho (2009) enfatiza que o centro cultural deve ser mais do que um espaço institucionalizado de exibição artística. Ele defende que “o centro cultural é o espaço em que a cultura deixa de ser espetáculo e passa a ser vivência, construção coletiva” (COELHO, 2009, p. 72), revelando seu potencial como agente de transformação social e emancipação simbólica.

Nesse sentido, é essencial considerar também o papel das culturas populares como formas legítimas de conhecimento e resistência. Pedro Abib (2015) argumenta que as culturas populares devem ser compreendidas como práticas vivas, políticas e educativas. Para o autor, “a cultura pode se tornar um importante terreno de luta de povos e comunidades que se utilizam de sua ancestralidade, sua língua materna, suas tradições [...] como

forma de resistência a processos de dominação política, econômica e ideológica” (ABIB, 2015, p. 4).

Abib reforça a importância de uma perspectiva decolonial, onde o saber popular ocupa o centro do debate cultural e urbano. Ao se basear em autores como Paulo Freire, ele sugere que o fazer cultural das comunidades é também uma forma de educação libertadora, e deve ser reconhecido como tal pelas políticas públicas e pelos projetos arquitetônicos.

Boaventura de Sousa Santos (2007) dialoga com essa visão ao defender as *epistemologias do Sul*, conceito que propõe o reconhecimento dos saberes e práticas culturais silenciadas e marginalizadas. Segundo ele, “sem a escuta dos saberes silenciados, a cidade será sempre incompleta” (SANTOS, 2007, p. 98). Essa escuta ativa e sensível às práticas culturais periféricas, indígenas e populares é um dos pilares da construção de uma cidade mais justa, inclusiva e plural.

Dessa forma, a proposta de implantação de um Centro Cultural em Foz do Iguaçu parte da compreensão de que o espaço urbano deve acolher a diversidade em suas múltiplas expressões, incluindo aquelas historicamente excluídas. O projeto arquitetônico, nesse contexto, não é apenas uma resposta funcional, mas um gesto simbólico e político de reconhecimento, pertencimento e escuta coletiva.



Figura 5. Fonte: sumnn (Pinterest).

FRONTEIRAS E MEMÓRIA ANCESTRAL

A fronteira, longe de ser apenas um limite geográfico, é um território simbólico de trocas, tensões e identidades sobrepostas. Conforme aponta Alfredo Gutiérrez Borrero (2014), as fronteiras são espaços culturais complexos, nos quais convivem múltiplas memórias e pertencimentos. Essa ideia se aplica diretamente ao contexto trinacional de Foz do Iguaçu, onde diferentes matrizes culturais dialogam e se entrecruzam cotidianamente.

A presença de povos indígenas como os Guarani, Mbya e Kaingang, bem como de comunidades migrantes, amplia a necessidade de um projeto cultural que reconheça e acolha as diversas formas de viver e produzir cultura. Conforme apresentado em debates da ANPUR (2019), os territórios indígenas devem ser entendidos como patrimônios bioculturais, pois concentram saberes sobre paisagem, espiritualidade e modos de habitar que transcendem o físico. A valorização desses territórios no campo da arquitetura representa um gesto de reconhecimento histórico e simbólico.

Assim, a proposta de um centro cultural em Foz do Iguaçu deve estar enraizada nesse contexto de fronteira e pluralidade, operando como um espaço de convivência intercultural e de reativação das memórias coletivas.

Figura 6. Fonte: Tina Bombina. (Pinterest).

MEMÓRIA BIOCULTURAL E DECOLONIALIDADE

O conceito de memória biocultural, conforme desenvolvido por Toledo e Barrera-Bassols (2019), amplia significativamente a noção de diversidade ao integrar os saberes tradicionais aos ecossistemas locais. Essa memória é construída e transmitida por meio de práticas agrícolas, rituais, usos da terra, técnicas construtivas e modos de habitar que estabelecem uma relação indissociável entre natureza e cultura. Trata-se, portanto, de um conhecimento vivo, enraizado nos territórios e sustentado por gerações que mantêm uma conexão sensível com o meio ambiente.

Em contextos como o de Foz do Iguaçu, essa abordagem exige que a arquitetura reconheça tais saberes como fundamentos legítimos do projeto, incorporando materiais naturais disponíveis, tecnologias construtivas vernaculares e modos de vida ancestrais. Essa valorização não apenas promove uma justiça espacial, mas também alinha o projeto a uma ética territorial que reconhece a cultura como parte constitutiva do ambiente natural.

Nesse mesmo horizonte teórico, insere-se a proposta do “Diseños del Sur” (Barrenechea; Gutiérrez Borrero, 2020), que defende uma prática projetual crítica, situada e decolonial, comprometida com as realidades socioculturais das periferias e fronteiras latino-americanas.

O DIREITO À CIDADE

A proposta de implantação de um Centro Cultural em Foz do Iguaçu fundamenta-se no conceito de direito à cidade, formulado por Henri Lefebvre (1968), segundo o qual a cidade não deve ser entendida como uma

O direito à cidade é compreendido como uma construção coletiva, que vai além do acesso físico ao espaço urbano, envolvendo a participação ativa dos habitantes na sua produção e transformação. David Harvey (2012) aprofunda essa ideia, afirmando que esse direito é coletivo e essencial para moldar o espaço urbano conforme as necessidades sociais. Ele também critica a urbanização como instrumento de acumulação de capital, que acentua desigualdades. Nesse contexto, a proposta de um centro cultural em Foz do Iguaçu representa uma forma de reinventar e democratizar a cidade. Nabil Bonduki (2011) reforça que os equipamentos culturais são fundamentais para promover inclusão, identidade coletiva e coesão social no espaço urbano.



Bonduki destaca que a cultura tem papel estruturante na produção da cidade, sendo capaz de reconfigurar relações sociais e simbólicas em territórios marcados por exclusões históricas.

Complementarmente Milton Santos (2005), critica a lógica da urbanização que privilegia o lucro em detrimento do uso social do território. Ele escreve:

"[...] A cidade é o lugar onde todos os usos do mundo devem poder se realizar. Quando isso não acontece, a cidade deixa de ser cidade para se tornar um território de exclusão" (SANTOS, 2005, p. 120).

Seu pensamento reforça a necessidade de equipamentos culturais como instrumentos de reparação simbólica e inclusão cidadã.

ESPAÇO PÚBLICO E JUSTIÇA SOCIAL

Milton Santos (2005), ao criticar a lógica de uma urbanização orientada pelo capital, afirma que a cidade deve ser o lugar onde "todos os usos do mundo" podem se realizar. Para o autor, a ausência de espaços públicos acessíveis e qualificados compromete a essência urbana e transforma a cidade em território de exclusão.

Figura 7. Fonte: Artcorvibes FR (Pinterest).

Ele defende que os espaços públicos devem permitir convivência, encontro e troca entre diferentes grupos sociais, sendo fundamentais para a democracia urbana. A implantação de um centro cultural com caráter aberto, multifuncional e comunitário, insere-se diretamente nessa perspectiva, ao operar como espaço público ativo e estruturante.

FRAGMENTAÇÃO URBANA

Se os capítulos anteriores defendem a cidade como espaço de convivência, criação e diversidade, este capítulo denuncia os modelos urbanos que caminham na direção oposta. A proliferação de condomínios fechados, como apontam diversos autores, representa uma forma de urbanização baseada na exclusão, na vigilância e no medo.

Ermínia Maricato (2011) alerta que “os enclaves urbanos privatizados desfiguram a cidade enquanto espaço público, aprofundando as desigualdades territoriais” (MARICATO, 2011, p. 114). Em contraste, equipamentos públicos como centros culturais restituem a função social e coletiva do espaço urbano.

Raquel Rolnik (2009) também critica esse processo ao destacar que “a cidade vai se convertendo em um espaço de controle, medo e vigilância, onde o uso coletivo do solo urbano é

constantemente ameaçado por interesses privados” (ROLNIK, 2009, p. 65). Em contraste, centros culturais abertos, localizados em zonas centrais e acessíveis, como no caso do entorno do TTU em Foz do Iguaçu, operariam como ferramentas de reconexão social.

Essa crítica é aprofundada por Ana Clara Torres Ribeiro (2004), que observa que os novos padrões urbanos reduzem o espaço público a espaços de circulação ou consumo, esvaziando seu caráter político e comunitário. Ela escreve:

“[...] a neutralização do espaço público esvazia as experiências urbanas e enfraquece os laços sociais” (RIBEIRO, 2004, p. 39).

Nesse contexto, o centro cultural proposto atua como um antídoto ao enclausuramento urbano, promovendo encontros, usos múltiplos e vivência democrática da cidade.

Ao conectar as críticas dessas autoras à proposta do projeto, percebe-se que o centro cultural, quando implantado em local estratégico como o entorno do Terminal de Transporte Urbano (TTU), contraria a lógica da privatização do espaço urbano e reafirma o direito à cidade, conforme defendido desde Lefebvre até Boaventura.

Os trabalhos desses autores fundamentam meu TCC ao orientar uma abordagem crítica e contextualizada para o projeto do Centro Cultural em Foz do Iguaçu. Eles ressaltam a importância de valorizar saberes locais, memórias culturais e diversidade, especialmente em contextos de fronteira e diversidade. O conceito de memória biocultural e o “Diseños del Sur” guiam uma arquitetura que integra práticas tradicionais, materiais locais e modos de vida ancestrais. Além disso, as discussões sobre direito à cidade, espaço público e justiça social reforçam a dimensão política do projeto, que busca promover inclusão, pertencimento e resistência à fragmentação urbana, criando um espaço cultural aberto e representativo da diversidade local.



Elemento gráfico.

03

ESTUDOS DE CASO



Elemento gráfico.

ESTUDOS DE CASO

Esta seção tem como objetivo apresentar e analisar estudos de caso que possam oferecer subsídios conceituais, funcionais e arquitetônicos para o desenvolvimento do projeto de um Centro Cultural. A escolha dos exemplos foi orientada por critérios como relevância no campo da arquitetura cultural e comunitária, adequação ao clima e ao contexto urbano em que se inserem, além da capacidade de promover integração social e valorização da diversidade cultural. Foram selecionados três centros culturais localizados em diferentes contextos da América Latina: La Tallera, projetada Frida Escobedo em 2010, o Centro Cultural Morelia, obra de Iván Marín concluída em 2018, e o SESC Pompéia, concebido por Lina Bo Bardi e finalizado em 1986. Todos apresentam soluções arquitetônicas que estabelecem uma relação dialógica entre espaço público, cultura e território.

A escolha desses três casos se deu pela pertinência que cada um oferece em relação ao programa de necessidades e às estratégias adotadas diante de realidades sociais, culturais e climáticas específicas.

Foz do Iguaçu, cidade onde será implantado o projeto desenvolvido neste Trabalho de Conclusão de Curso, apresenta um clima predominantemente quente e úmido, além de uma intensa diversidade cultural e étnica. Isso exige soluções arquitetônicas que garantam conforto ambiental, promovam usos múltiplos e incentivem o convívio social e o pertencimento.

O que mais chamou atenção nesses três exemplos foi a forma como os arquitetos organizaram os programas de necessidades, priorizando a criação de espaços flexíveis, acessíveis e abertos ao uso contínuo e espontâneo da população. Os edifícios e as áreas externas desses centros não se impõem sobre o território, mas se integram a ele, favorecendo apropriações diversas, acolhendo manifestações culturais formais e informais, e funcionando como verdadeiros catalisadores sociais. Essas referências servirão de base para a definição dos critérios projetuais, funcionais e espaciais do centro cultural proposto neste trabalho.



Figura 8. Fonte: Jose Carlos Macouzet / Eduardo Armenta (ArchDaily).

CENTRO CULTURAL MORELIA

Localização: Morélia - México

Arquiteta: Doho constructivo, Iván Marín

Ano: 2018

Área: 230m²

CONCEITO

O projeto nasce da reestruturação e reuso de uma antiga biblioteca escolar, buscando não apenas adaptar o espaço, mas também resgatar o potencial educativo e cultural de forma acessível e sensível ao contexto local.

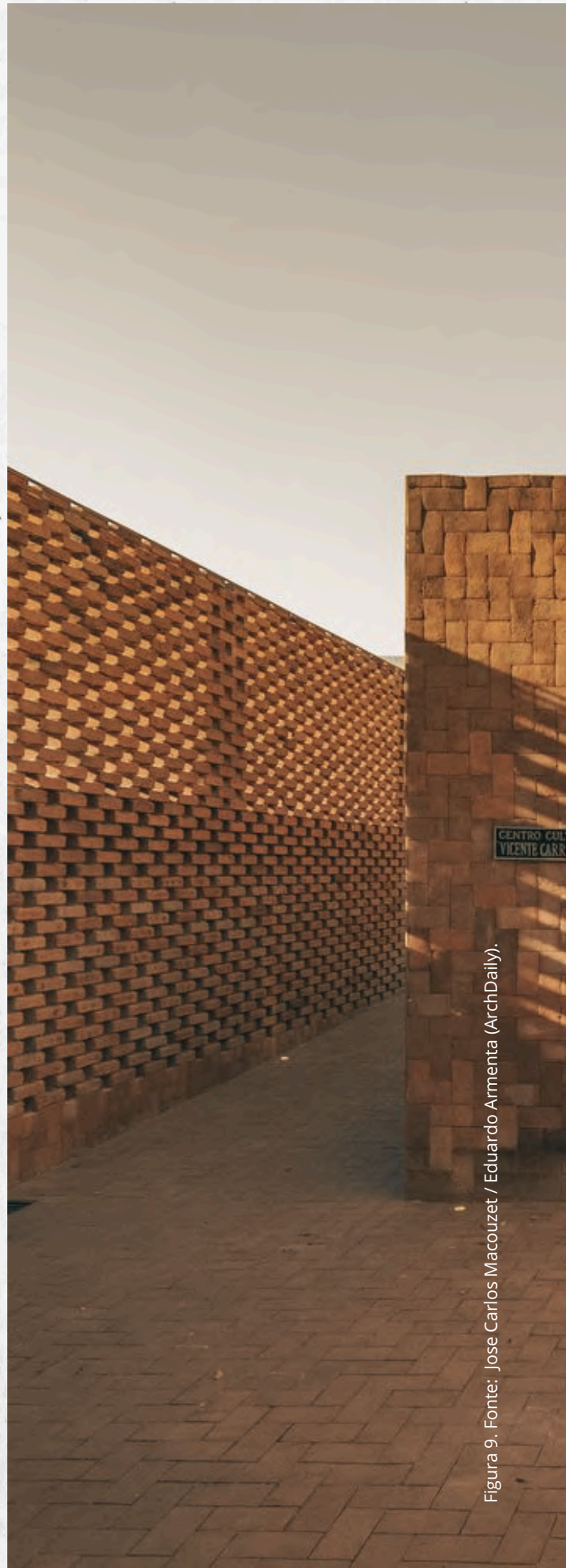


Figura 9. Fonte: Jose Carlos Macouzet / Eduardo Armenta (ArchDaily).

PLANTA BAIXA

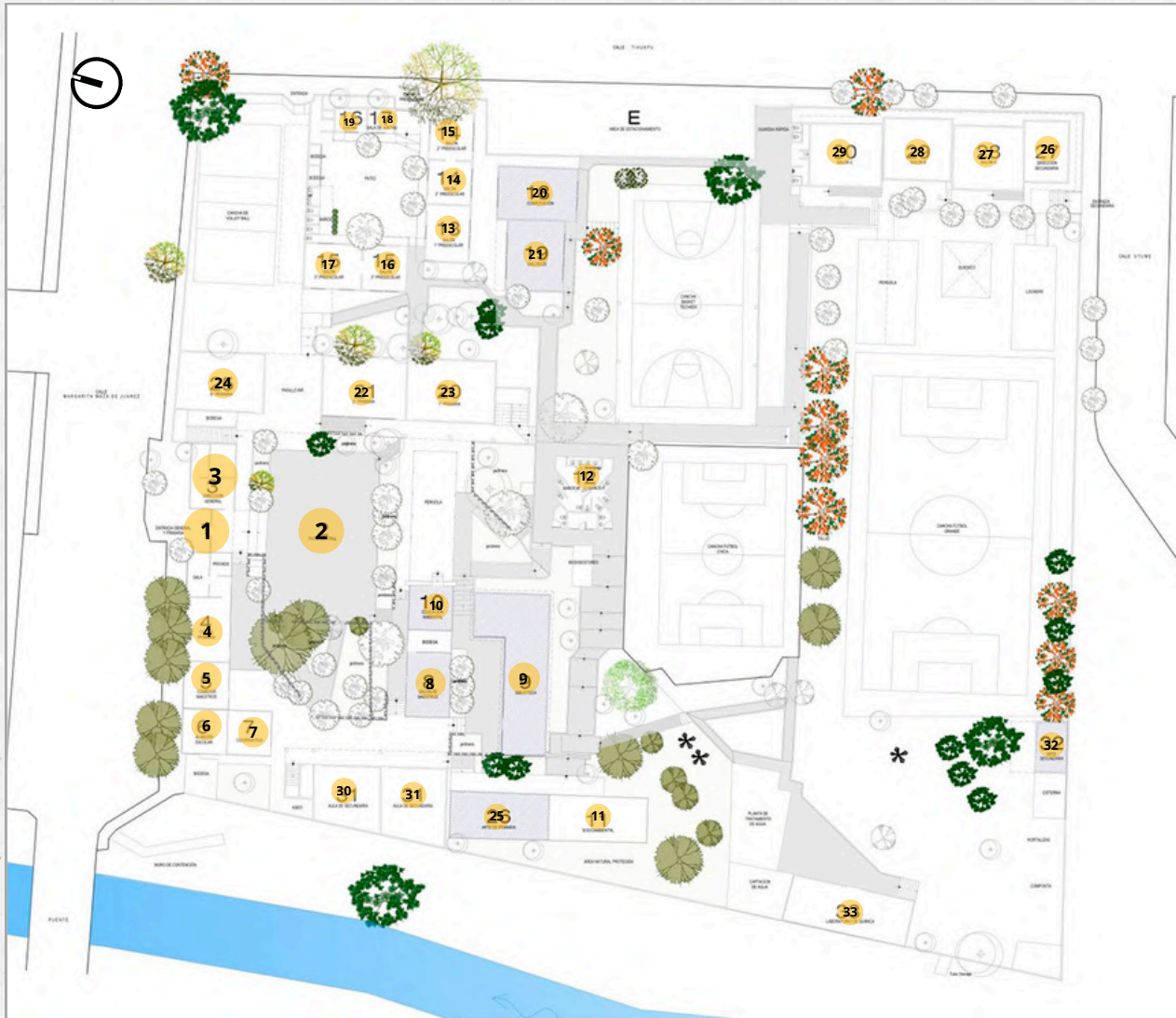


Figura 10. Fonte: Iván Marín + Dóho Constructivo, adaptado pela autora (Metalocus.es)

- | | | |
|-------------------------|-----------------------|------------------------|
| 1 - Acesso principal | 12 - Banheiro | 23 - Salão infantil 3 |
| 2 - Pátio central | 13 - Salão | 24 - Salão infantil 4 |
| 3 - Direção | 14 - Salão | 25 - salão infantil 5 |
| 4 - Coordenação | 15 - Salão | 26 - Direção 2 |
| 5 - Sala para refeições | 16 - Cozinha | 27 - Salão adultos 1 |
| 6 - Almojarifado | 17 - Sala de reuniões | 28 - Salão adultos 2 |
| 7 - Cooperativa | 18 - Computação | 29 - Salão adultos 3 |
| 8 - Sala de professores | 19 - Computação | 30 - Salão adultos 3 |
| 9 - Biblioteca | 20 - Área infantil | 31 - Aula para adultos |
| 10 - Educação ambiental | 21 - Sala infantil 1 | 32 - Laboratório |
| 11 - Sociambiental | 22 - Sala infantil 2 | 33 - Estacionamento |

Figura X.

O projeto transforma o espaço em um ambiente de aprendizado e criação, não apenas por sua função, mas por sua forma. A volumetria simples e os materiais aparentes convidam à experimentação, enquanto o espaço aberto e versátil estimula o uso coletivo e comunitário.

O uso do tabique de barro (tijolo artesanal) remete à tradição construtiva mexicana e reforça a identidade local, ao mesmo tempo em que proporciona conforto térmico e simplicidade estética. O projeto também reutiliza containers metálicos, promovendo a sustentabilidade e a economia de recursos.

A arquitetura privilegia a permeabilidade visual e a iluminação natural, com o uso de grandes aberturas, cobogós e pátios internos. Isso cria uma relação fluida entre interior e exterior, estimulando o convívio e a sensação de pertencimento. A ventilação cruzada, os brises e os espaços sombreados tornam o clima mais confortável sem depender de sistemas artificiais.



Figura 11



Figura 12



Figura 13

Fonte das imagens: Jose Carlos Macouzet / Eduardo Armenta (ArchDaily).

MATERIALIDADE

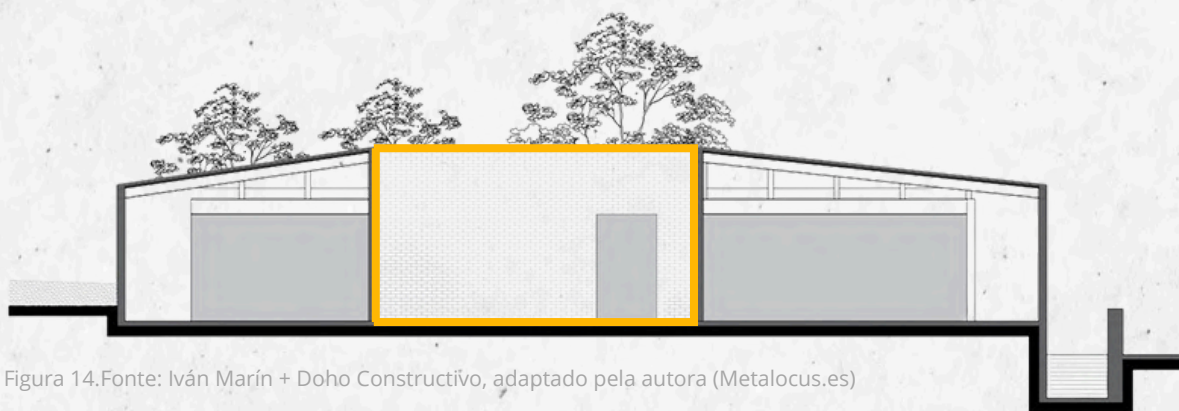


Figura 14. Fonte: Iván Marín + Doho Constructivo, adaptado pela autora (Metalocus.es)

O Centro Cultural Morelia se destaca pelo uso consciente e estratégico dos materiais e da iluminação natural, elementos fundamentais para sua funcionalidade e identidade arquitetônica. O principal material utilizado nos fechamentos é o **tabique de barro**, um tijolo artesanal produzido localmente, que valoriza os saberes construtivos da região de Morelia. Além de sua carga simbólica e estética, o material apresenta excelente desempenho térmico, contribuindo para manter a temperatura interna estável, especialmente em um clima quente. Esse uso de materiais locais demonstra um compromisso com a sustentabilidade, ao mesmo tempo que confere uma linguagem visual coerente com o contexto.

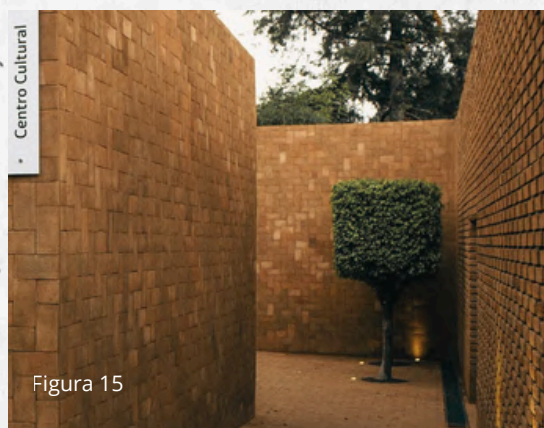


Figura 15



Figura 16



Figura 17

ESTRUTURA

A estrutura do edifício combina esse material tradicional com elementos contemporâneos, como a estrutura metálica, utilizada principalmente na cobertura. Essa combinação possibilita a criação de grandes vãos e soluções flexíveis, enquanto o contraste entre os materiais ressalta a relação entre o artesanal e o industrial. Também são utilizados cobogós de barro ao longo das fachadas, atuando como elementos filtrantes da luz solar e facilitando a ventilação natural. Esses elementos, além de funcionais, criam uma textura dinâmica nas fachadas, projetando sombras que se transformam ao longo do dia e enriquecem a experiência sensorial dos usuários.

Os pisos em concreto polido ou cimentado garantem uma estética limpa e robusta, além de serem de fácil manutenção. Já os ambientes internos, revestidos em branco, servem como superfície reflexiva para a luz natural que entra pelos vãos e aberturas, potencializando a claridade sem a necessidade de iluminação artificial durante o dia. A luz natural é explorada com sutileza e inteligência, sendo filtrada por cobogós e controlada por aberturas bem posicionadas. O pátio central também desempenha um papel essencial nesse sistema, funcionando como um núcleo de ventilação cruzada e iluminação, promovendo conforto ambiental de forma passiva.

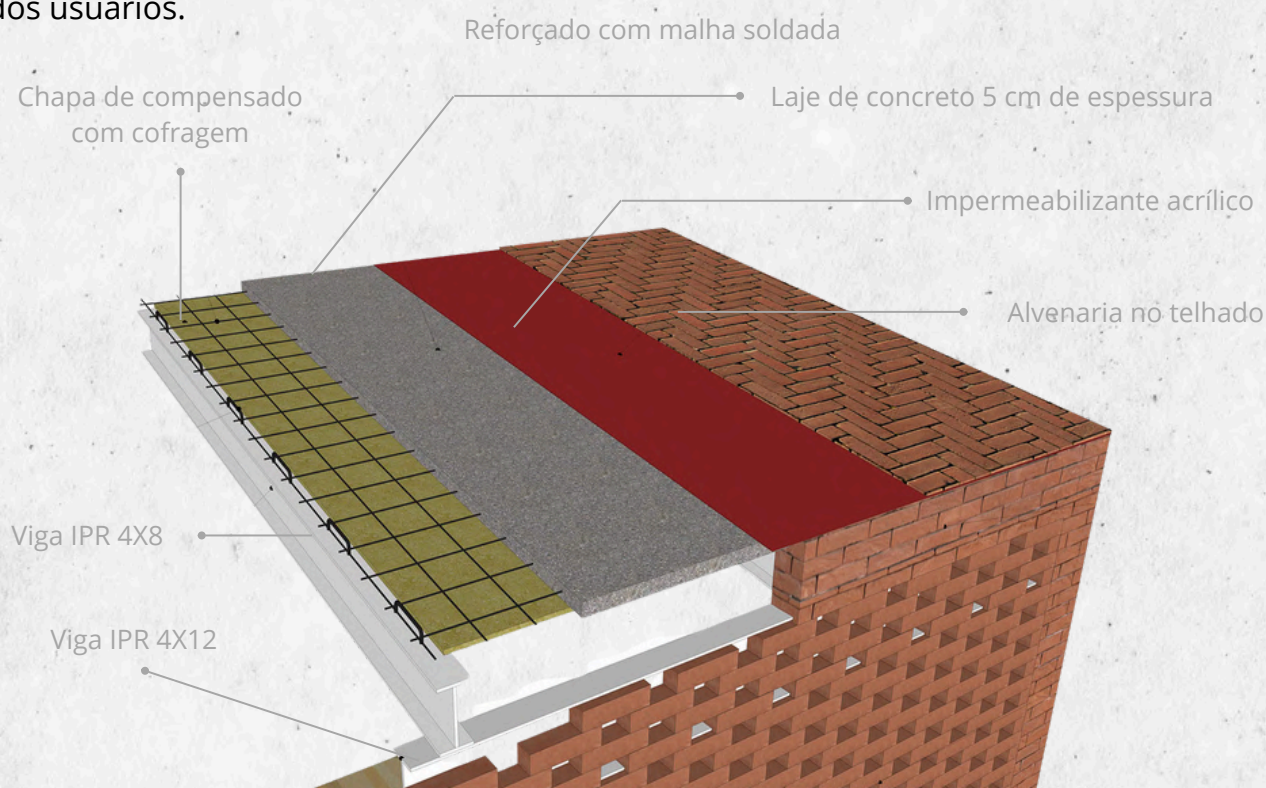


Figura 18. Fonte: Iván Marín + Doho Constructivo, adaptado pela autora (Metalocus.es)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do Centro Cultural Morelia evidencia diversas estratégias que podem inspirar o desenvolvimento do projeto proposto para Foz do Iguaçu. Entre os principais aspectos destacam-se o uso de materiais locais, como o tabique de barro, que alia identidade cultural, sustentabilidade e desempenho térmico, além de contribuir para uma estética coerente com o contexto regional. A combinação entre técnicas construtivas tradicionais e sistemas contemporâneos, como a estrutura metálica, demonstra a viabilidade de criar espaços amplos e flexíveis que favoreçam múltiplos usos e a apropriação comunitária.

Outro elemento relevante é a ênfase na iluminação natural e na ventilação cruzada, potencializadas pelo uso de cobogós, grandes aberturas e pátios internos, soluções que promovem conforto ambiental de forma passiva e podem ser adaptadas ao clima quente de Foz do Iguaçu. A simplicidade volumétrica, a clareza espacial e a versatilidade programática também são qualidades que contribuem para tornar o espaço acessível e convidativo ao uso coletivo. Esses princípios reforçam a ideia de que a arquitetura pode ser, ao mesmo tempo, uma expressão cultural e uma resposta sensível ao ambiente, aspectos fundamentais para o propósito inclusivo e educativo do centro cultural pretendido.

Figura X



Figura 19. Fonte: José Carlos Macouzet / Eduardo Armenta (ArchDaily).



Figura 20. Fonte: Rafael Gamo (ArchDaily).

LA TALLERA

Localização: Cuernavaca - México

Arquiteta: Frida Escobedo

Ano: 2010

Área: 400 m²

CONCEITO

A proposta para La Tallera buscou estabelecer uma nova relação entre o museu/oficina e os espaços ao seu redor. Ao reposicionar os murais, destacam-se os elementos simbólicos da linguagem arquitetônica da fachada e, ao mesmo tempo, modifica-se a forma tradicional de interação entre o museu 'La Tallera' e seus visitantes



Figura 21. Fonte: Rafael Gamo (ArchDaily).

PLANTA BAIXA

Figura 22.-Fonte: Frida Escobedo, modificado pela autora (ArchDaily).



- 1 - Praça
- 2 - Cafeteria
- 3 - Livraria
- 4 - Hall
- 5 - Sala de exposições
- 6 - Sala Poliangular
- 7 - Residência artística
- 8 - Oficina
- 9 - Banheiros
- 10 - Espaço de transição
- 11 - Oficina
- 12 - Vigilância
- 13 - Casa artística
- 14 - Jardim
- 15 - Piscina



Figura 23. Fonte: Rafael Gamo (ArchDaily).

PRIMEIRO PAVIMENTO

Figura 24. Fonte: Frida Escobedo, modificado pela autora (ArchDaily).



- 1 - Arquivo
- 2 - Cafeteria/Mezanino
- 3 - Banheiros cafeteria
- 4 - Oficina
- 5 - Direção
- 6 - Espaço privado
- 7 - Residência artística

Ao abrir seu pátio, o oferece um espaço de convivência e, simultaneamente, se apropria da praça vizinha. Os murais, originalmente concebidos para o exterior, passam a atuar de duas formas: como elo visual e programático com a praça, abrigando as áreas públicas do centro cultural — como o café e a livraria/loja — e como o muro, funcionando como elemento de separação entre a residência artística e a área de exposições e oficinas."

O primeiro pavimento foi destinado em parte ao setor administrativo do edifício, mas ainda assim abriga uma sala para oficina e uma cafeteria, garantindo o aproveitamento eficiente do espaço.

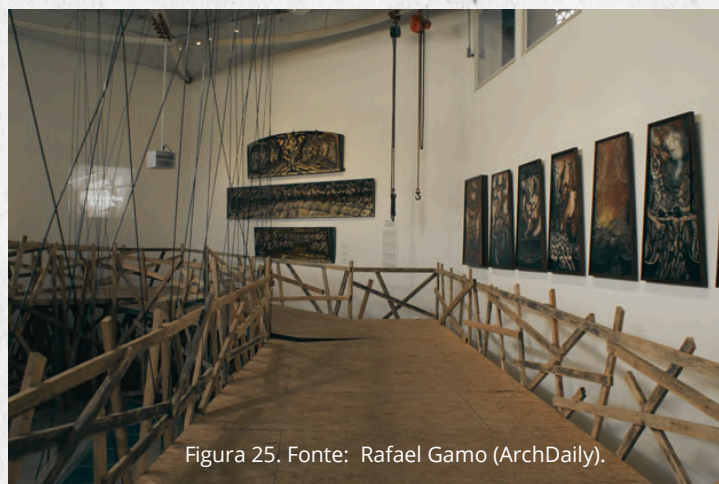


Figura 25. Fonte: Rafael Gamo (ArchDaily).

MATERIALIDADE E ESTRUTURA

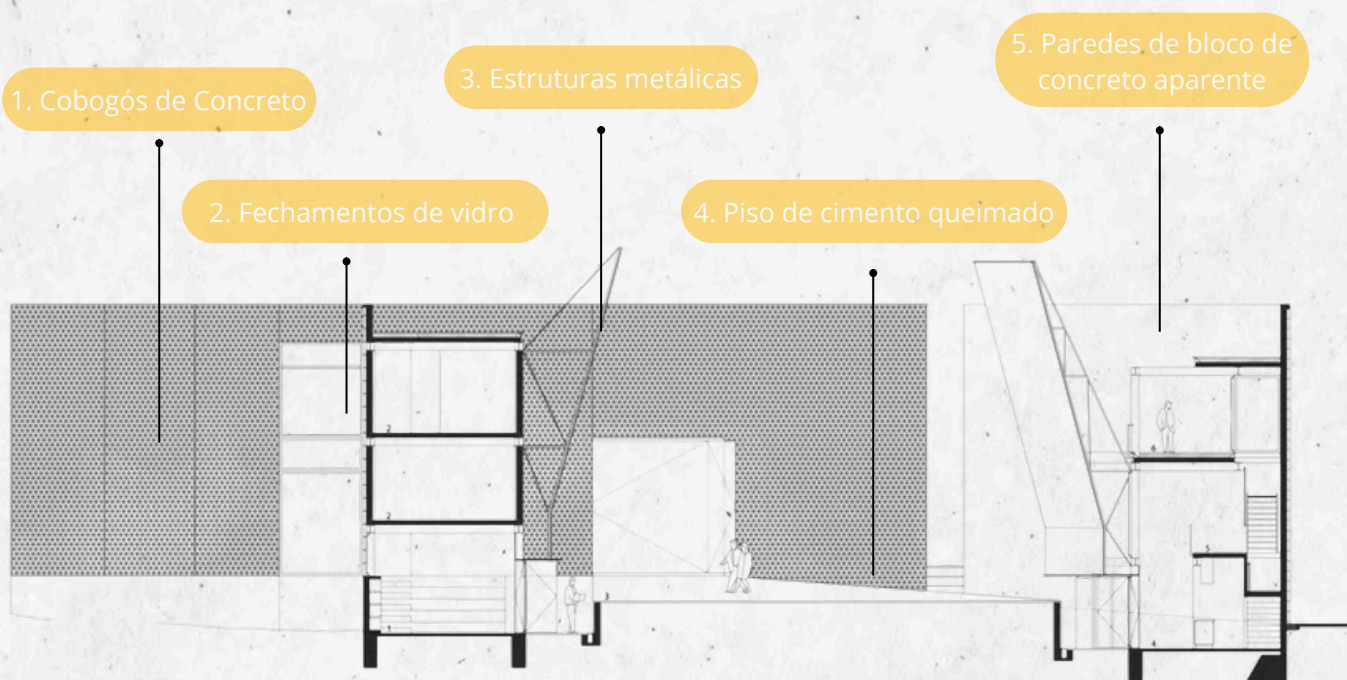


Figura 26. Fonte: Frida Escobedo, modificado pela autora (ArchDaily).

A proposta de Frida Escobedo respeita a materialidade pré-existente, ao mesmo tempo que introduz novos recursos estruturais que dialogam com o entorno urbano e com o conceito de espaço aberto ao público. A base estrutural do edifício é composta por sistema misto, com destaque para a presença de estruturas metálicas aparentes que sustentam os grandes vãos e permitem flexibilidade na organização dos espaços internos.

Estruturas metálicas favorecem a abertura do edifício para a praça vizinha, criando uma transição fluida entre o espaço urbano e o espaço expositivo. O fechamento é feito predominantemente com blocos de concreto aparente, o que confere ao edifício um aspecto industrial, sóbrio e ao mesmo tempo expressivo.



Figura 27

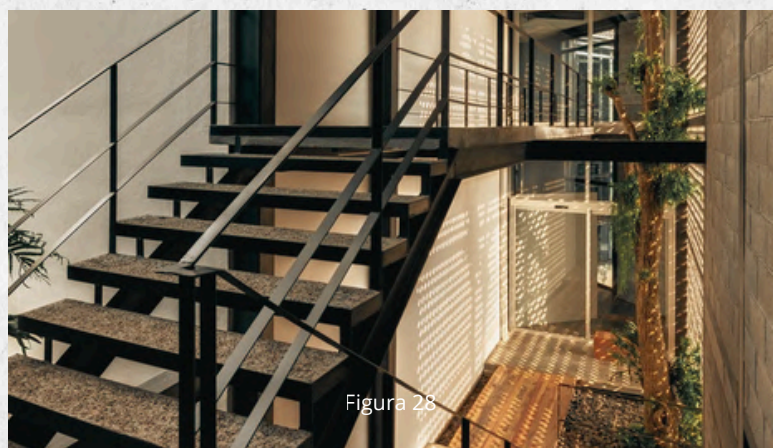


Figura 28

Fonte das imagens: Rafael Gamo (ArchDaily).



Figura 29



Figura 30

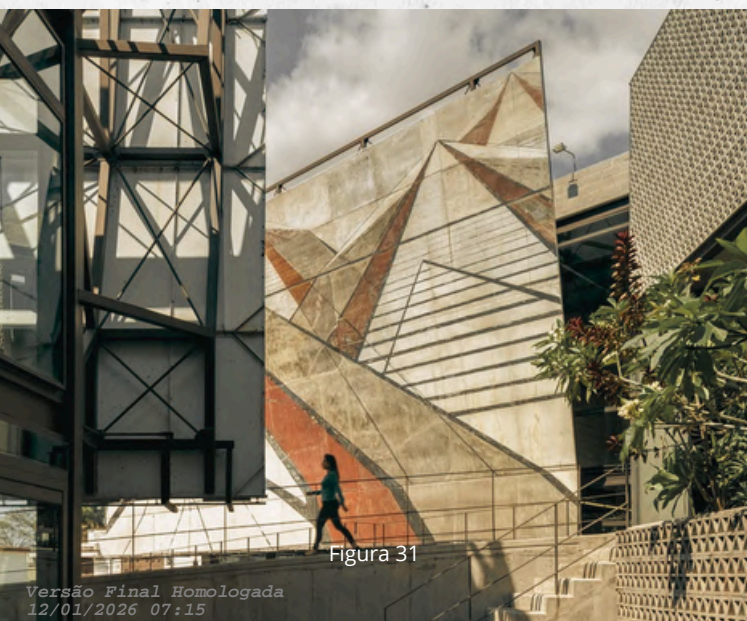


Figura 31

Essa linguagem bruta e honesta remete à força do muralismo de Siqueiros, resgatando o caráter de "oficina" original do espaço. Complementam a composição os fechamentos em vidro, que reforçam a permeabilidade visual e integram o interior do museu ao espaço externo, contribuindo para a relação simbólica entre o público e o privado, o cotidiano e o artístico. Um elemento estrutural emblemático do projeto é o reposicionamento dos enormes murais concebidos por Siqueiros, que passaram a integrar a fachada do edifício. Essas peças, originalmente criadas para o interior, foram giradas e inseridas como planos verticais de forte presença escultórica, funcionando tanto como estrutura quanto como símbolo. Além disso, o uso contínuo de cobogós ao longo das fachadas atua como solução passiva de conforto ambiental, permitindo ventilação cruzada e controle da entrada de luz solar. A combinação de materiais aparentes, grandes aberturas e linhas precisas reforça o caráter contemporâneo da intervenção, ao mesmo tempo em que preserva e celebra a memória do espaço como lugar de criação, crítica e expressão coletiva.

Fonte das imagens: Rafael Gamo (ArchDaily).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de requalificação de La Tallera oferece lições valiosas para a concepção de centros culturais que buscam conciliar preservação histórica e renovação arquitetônica. Entre os aspectos mais relevantes está a criação de uma relação fluida entre o espaço interno e o contexto urbano, por meio da abertura do pátio e da integração com a praça vizinha. Essa estratégia amplia o potencial de uso coletivo e reforça o papel do edifício como catalisador de encontros e experiências culturais.

Outro ponto que pode ser incorporado ao projeto em Foz do Iguaçu é a adoção de soluções construtivas mistas, como a combinação de estruturas metálicas e fechamentos em blocos aparentes, que proporcionam flexibilidade espacial e uma linguagem arquitetônica contemporânea e honesta. A permeabilidade visual, garantida pelas grandes aberturas e pelo uso de cobogós, contribui tanto para a conexão simbólica entre o público e o privado quanto para o conforto ambiental, permitindo ventilação cruzada e iluminação natural.

Por fim, a forma como os murais de Siqueiros foram reposicionados e incorporados como elementos estruturais e simbólicos evidencia o potencial de valorizar a memória cultural do lugar, criando uma identidade singular que transcende a função expositiva. Esses princípios — integração com o entorno, versatilidade programática, clareza construtiva e valorização da história — podem orientar soluções projetuais sensíveis, inclusivas e conectadas com a diversidade cultural de Foz do Iguaçu.



Figura 32. Fonte: Rafael Gamo (ArchDaily).



Figura 33. Fonte: Pedro Kok (ArchDaily).

SESC POMPÉIA

Localização: São Paulo - Brasil

Arquiteta: Lina Bo Bardi

Ano: 1982

Área: 16 573m²

CONCEITO

Arquitetura comprometida com a função social, a memória do lugar e a democratização do espaço. O projeto reutiliza uma antiga fábrica de tambores, preservando sua estrutura original em diálogo com novos volumes de concreto aparente.

"A arquitetura é feita de vida. E o SESC é um lugar onde as pessoas fazem a vida acontecer."

Lina Bo Bardi



Figura 34. Fonte: Pedro Kok (ArchDaily).

PLANTA BAIXA



- 1 - Bloco esportivo, piscinas, ginásio e quadras
- 2 - Lanchonete, camarins, salas de ginástica, luta e dança
- 3 - Torre de água
- 4 - Cobertura solar, espelho d'água e queda d'água
- 5 - Depósitos e manutenção
- 6 - Estúdios para ceramistas, pintores, carpinteiros, tapeceiros, gravadores e impressores
- 7 - Laboratório fotográfico, estúdio de música, sala de dança e camarins
- 8 - Teatro

- 9 - Foyer
- 10 - Restaurante, bar e hall da cúpula
- 11 - Cozinha industrial
- 12 - Camarins de trabalhadores e refeitório
- 13 - Sala de estar
- 14 - Biblioteca para o tempo livre
- 15 - Edifício para grandes exposições
- 16 - Escritórios administrativos

Figura 35. Fonte: Via Wikiarquitectura, adaptado pela autora (ArchDaily).

O SESC Pompeia, é um dos marcos mais representativos da arquitetura brasileira moderna, especialmente pela forma como articula espaço, memória e função social. Localizado em uma antiga fábrica de tambores desativada, o projeto é guiado pelo princípio da reutilização adaptativa, preservando a estrutura original do galpão industrial e incorporando novos volumes de concreto aparente que abrigam atividades esportivas. Ao invés de apagar o passado do edifício, Lina opta por valorizar sua história, mantendo suas marcas e integrando-as à nova função cultural.

A proposta arquitetônica vai além da estética: trata-se de um projeto social, inclusivo e democrático, pensado para promover o encontro entre pessoas e a vivência coletiva. Os espaços do SESC Pompeia foram concebidos para serem abertos, flexíveis e acessíveis, oferecendo áreas para lazer, cultura, educação, saúde e esportes. Um dos elementos mais icônicos do projeto são as passarelas elevadas que conectam os blocos de concreto, simbolizando a ligação entre corpo e mente, entre arte e cotidiano.



Figura 36. Fonte: autor desconhecido (Revista Projeto).

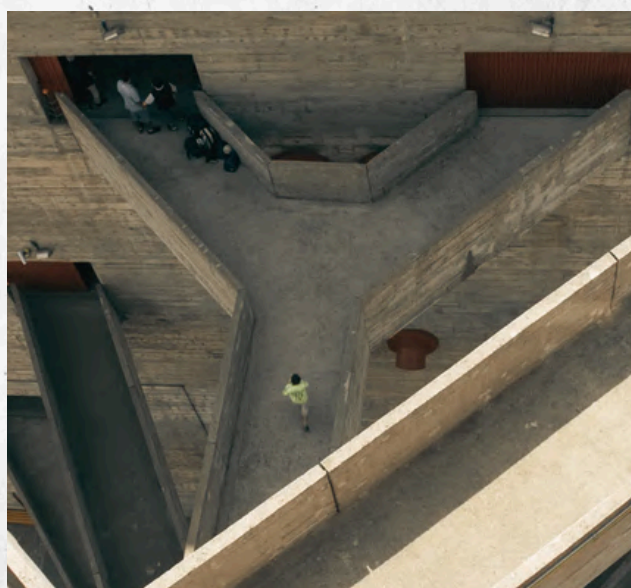


Figura 37. Fonte: Flickr / Tayon Braatz / CreativeCommons, (Casa e Jardim)

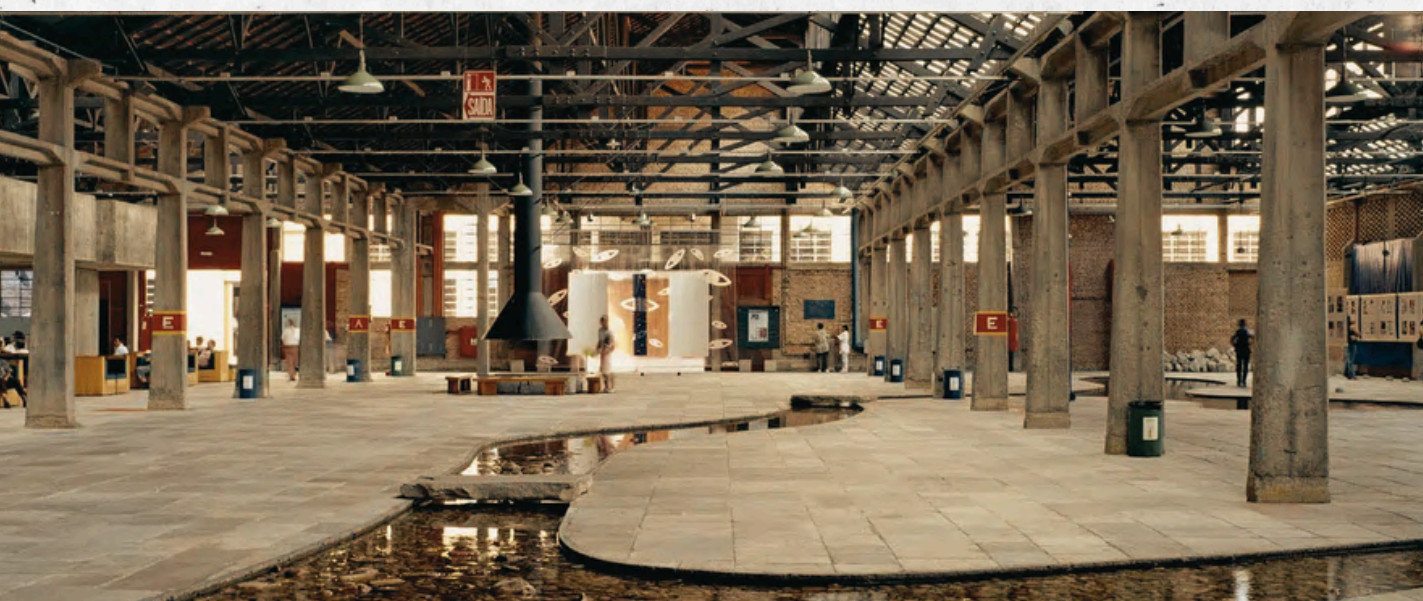


Figura 38. Fonte: autor desconhecido (Arte que acontece).

MATERIALIDADE E ESTRUTURA

A antiga fábrica de tambores, construída com estrutura metálica, tijolos e telhados de duas águas, foi mantida e restaurada para abrigar os espaços culturais, como biblioteca, oficinas, teatro, restaurante e áreas de convivência. Ao invés de apagar as marcas do tempo, Lina optou por preservá-las, reconhecendo a memória do lugar como parte essencial do projeto.

Os novos volumes, construídos para abrigar o complexo esportivo, contrastam com a antiga fábrica, mas dialogam com ela por meio da linguagem brutalista. Esses blocos são formados por grandes estruturas de concreto armado aparente, que demonstram de maneira clara a função de cada elemento arquitetônico — pilares, vigas, lajes e passarelas — todos visíveis e sem acabamento disfarçado.

As passarelas aéreas que conectam os blocos esportivos são talvez o maior símbolo estrutural do projeto. Suspensas e ancoradas por estruturas metálicas, essas passarelas criam uma experiência espacial única, integrando visualmente os diferentes setores do conjunto e promovendo a circulação de forma fluida e simbólica.



Figura 39. Fonte: Sesc Pompeia.



Figura 40. Fonte: Autor desconhecido (Facens).



Figura 41. Fonte: Sérgio Brisola (Descubra Sampa)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O SESC Pompeia representa um exemplo inspirador de como a arquitetura pode se comprometer simultaneamente com a função social, a preservação da memória e a democratização do espaço. A estratégia de reutilização adaptativa da antiga fábrica de tambores, mantendo sua estrutura original e valorizando suas marcas históricas, oferece uma referência importante para projetos que buscam integrar passado e presente de forma respeitosa e criativa.

Entre os elementos que podem ser incorporados ao centro cultural proposto em Foz do Iguaçu, destacam-se a flexibilidade programática e a criação de espaços acessíveis que favorecem o encontro coletivo, estimulando atividades culturais, educativas e esportivas. A clareza construtiva e a honestidade material — características evidentes na linguagem brutalista dos novos volumes de concreto aparente — demonstram que é possível adotar soluções arquitetônicas expressivas sem perder o compromisso com a funcionalidade e a inclusão.

Outro aspecto relevante é o uso das passarelas elevadas como recurso simbólico e funcional de conexão entre diferentes setores do conjunto, promovendo percursos fluidos e experiências espaciais ricas. A articulação entre espaços internos e áreas abertas de convivência reforça a vocação comunitária do projeto e pode inspirar soluções que valorizem a integração e o pertencimento no contexto diverso de Foz do Iguaçu.

Em síntese, o SESC Pompeia oferece lições sobre como a arquitetura pode transformar um edifício industrial obsoleto em um espaço vivo, inclusivo e culturalmente relevante — princípios que se mostram fundamentais para um projeto comprometido com o direito à cidade e a valorização da memória coletiva.

RECURSOS CONSTRUTIVOS REGIONAIS

Na região da Tríplice Fronteira, que abrange Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina), a construção civil se caracteriza por uma ampla variedade de materiais disponíveis, resultado tanto da produção local quanto do intenso comércio transfronteiriço. Entre os materiais mais utilizados destacam-se os **tijolos cerâmicos**, amplamente produzidos no Paraná e em Misiones, empregados em alvenarias estruturais e de vedação. Esse material é frequentemente encontrado em obras residenciais e em projetos institucionais de menor porte, como escolas e centros comunitários, e também aparece como elemento identitário em projetos contemporâneos, como o Centro Cultural Morelia, no México, que serve de inspiração para propostas locais que valorizam a produção artesanal.

Outro material de uso corrente são os **blocos de concreto**, fabricados regionalmente e aplicados em residências, edificações comerciais e obras públicas, favorecendo rapidez na execução e resistência mecânica.

O **concreto armado**, por sua vez, é o principal sistema estrutural em prédios comerciais, hotéis e edifícios institucionais, que mescla concreto com elementos metálicos e vidro em sua composição.



Figura 42. Fonte: Autor desconhecido (Papo de Arquiteto)



Figura 43. Fonte: Autor desconhecido (Engemix)



Figura 44. Fonte: Autor desconhecido (Portal do Concreto)

A disponibilidade regional de cimento e agregados facilita a execução de grandes vãos e volumes com rapidez e segurança.

A **madeira**, sobretudo proveniente de reflorestamentos de Pinus e Eucalipto, tem presença marcante, especialmente na Argentina, onde é utilizada em chalés, lodges turísticos e detalhes construtivos que buscam uma linguagem regional mais rústica e acolhedora.

As **estruturas metálicas** têm ganhado destaque na construção contemporânea, viabilizando galpões, passarelas e coberturas de grandes vãos, com boa disponibilidade de fornecedores na região. Já o uso de **vidro e esquadrias de alumínio** é frequente em fachadas de empreendimentos comerciais e espaços culturais, proporcionando transparência, iluminação natural e integração visual com o entorno.



Figura 45. Fonte: Autor desconhecido (G-haus)



Figura 46. Fonte: Autor desconhecido (Estrutura Metálica)



Figura 47. Fonte: Autor desconhecido (Eco vidros)

Outro elemento tradicional são as pedras regionais, como o **basalto e o arenito**, utilizadas tanto na pavimentação de calçadas e praças quanto em muros de arrimo e detalhes arquitetônicos, especialmente em Puerto Iguazú, onde seu uso reforça a identidade local.

Os **cobogós** e elementos vazados também aparecem como soluções de ventilação natural e sombreamento, conciliando conforto térmico com expressão arquitetônica.

Por fim, observa-se uma tendência crescente ao uso de materiais reciclados e sistemas de reuso, como tijolos reaproveitados e coberturas verdes, em sintonia com demandas de sustentabilidade e inovação construtiva.

A diversidade de materiais disponíveis permite que a arquitetura na Tríplice Fronteira combine técnicas tradicionais com soluções contemporâneas.



Figura 48. Fonte: Autor desconhecido (Decpr Pedras)



Figura 49. Fonte: Autor desconhecido (Pedras Aquino)

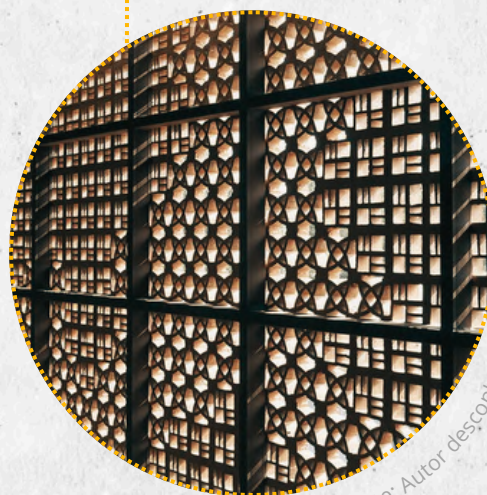


Figura 50. Fonte: Autor desconhecido (Blog Tanto)

A análise desses materiais mais disponíveis na Tríplice Fronteira é fundamental para compreender e avaliar quais deles serão mais adequados para o anteprojeto do Centro Cultural. Esse estudo possibilita identificar as alternativas construtivas que conciliem viabilidade econômica, facilidade de obtenção e características técnicas compatíveis com as demandas do projeto. Além disso, conhecer a oferta local de materiais contribui para valorizar a produção regional, reduzir custos logísticos e fortalecer a identidade cultural do edifício.

ESCOLHA DE MATERIAS

A partir desta pesquisa, foram definidos materiais que dialogam com o contexto regional e com a proposta de um centro cultural acessível, sustentável e integrado ao entorno. O edifício, composto por dois pavimentos, adota estrutura em concreto armado, garantindo estabilidade, durabilidade e viabilidade construtiva na realidade local. Para os fechamentos, optou-se pelo tijolo cerâmico, amplamente utilizado na região, valorizando saberes tradicionais e oferecendo bom desempenho térmico. Elementos em madeira são aplicados pontualmente em áreas de convivência e brises, trazendo acolhimento, textura e conforto visual ao conjunto.

A permeabilidade e o sombreamento natural são potencializados pelo uso de cobogós de concreto, que favorecem ventilação cruzada e criam jogos de luz e sombra ao longo do dia. Além disso, amplas superfícies de vidro foram incorporadas para reforçar a transparência entre interior e exterior, enquanto esquadrias de alumínio garantem leveza, resistência e fácil manutenção. Esses materiais, combinados, refletem uma arquitetura contemporânea, sustentável e alinhada às condições climáticas, culturais e construtivas de Foz do Iguaçu.

04

ESTUDOS PRELIMINARES

ÁREA DE ESTUDO

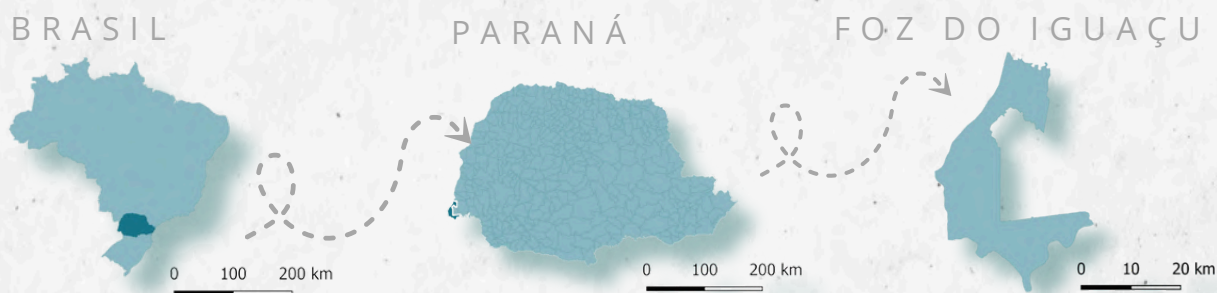


Figura 51, 52 e 53. Fonte: Autoral, 2025.

Localizada na região Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu integra a tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai. Com 289.655 habitantes, segundo o Censo de 2022, é o 7º município mais populoso do estado (IBGE, 2023). Seu território tem cerca de 617,7 km², incluindo áreas de conservação ambiental, como o Parque Nacional do Iguaçu, reconhecido como Patrimônio Natural da Humanidade.

A ocupação da região antecede o período colonial, mas a estruturação do núcleo urbano começou em 1881, com a criação da Colônia Militar, implantada por sua importância geopolítica na fronteira. Em 1914, tornou-se município com o nome de Vila Iguaçu, tendo como primeiro prefeito o coronel Jorge Schimmelpfeng. Quatro anos depois, em 1918, passou a se chamar Foz do Iguaçu — termo guarani que significa “Rio Grande”, em alusão ao Rio Iguaçu.

Um marco no desenvolvimento local ocorreu na década de 1970, com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, fruto de um acordo binacional entre Brasil e Paraguai. A obra provocou profundas mudanças socioeconômicas, demográficas e climáticas, exigindo a remoção de comunidades inteiras para a formação do reservatório, o que impactou populações tradicionais e transformou a estrutura urbana.

O município também enfrenta desafios decorrentes do crescimento urbano acelerado e das desigualdades socioespaciais. A expansão da cidade, muitas vezes marcada pela informalidade, contrasta com áreas planejadas de urbanização vertical e condomínios fechados. Problemas de mobilidade, habitação, saneamento e acesso à cultura persistem em diversas regiões, sobretudo nas periferias e entre comunidades indígenas e migrantes. Esses fatores tornam Foz do Iguaçu um território propício a reflexões sobre o direito à cidade, a inclusão social e os efeitos do turismo.

MAPEAMENTO DE ESPAÇOS CULTURAIS

Ao mapear os espaços públicos de Foz do Iguaçu que abrigam trocas culturais, percebe-se que, embora existam diversos locais onde ocorrem manifestações artísticas e culturais — muitas vezes de maneira espontânea, informal e comunitária — esses espaços não recebem o devido reconhecimento ou incentivo por parte do poder público. Falta visibilidade institucional, bem como estrutura adequada para garantir sua permanência, valorização e acessibilidade. Como consequência, parte significativa da população encontra dificuldades para identificar e acessar esses pontos de encontro, o que limita o potencial de circulação cultural e o fortalecimento da identidade coletiva da cidade.

Para a elaboração do programa de necessidades, foram produzidos mapas que identificam os locais onde ocorrem trocas culturais na cidade, bem como as atividades desenvolvidas em cada um desses espaços.

Nos locais mapeados e identificados, observa-se um uso bastante diversificado, com destaque para atividades como:



Oficinas de pintura



Apresentações musicais

(como forró, reggae, rock, maracatu, chacarera, jazz, samba etc)



Diferentes estilos de dança

(como forró, dança contemporânea, samba e carimbó, dentre outras)



Exibições de filmes seguidas de debates



Apresentações teatrais



Rodas de conversa



Feiras



Batalhas de rima

Esses espaços costumam ter uso misto, o que indica a existência de muitas outras atividades não mencionadas neste levantamento inicial. Em geral, eles atendem a públicos variados e abrigam múltiplas ações em um mesmo local. Os eventos são, em sua maioria, organizados com antecedência e divulgados por meio de canais de comunicação comunitários ou redes sociais.

A partir da identificação dos espaços culturais (conforme mapa da Figura X), foi possível reconhecer alguns dos atores culturais envolvidos:

Música e Performance Musical



La Faiska (música)

Trio Forró di Fuguera (forró)

Reação Química (música)

JazzGuaretê (jazz)

Hillbilly Rawhide (música country/folk)

Vibe Express (música)

Edson Cordeiro (cantor de jazz)

Toby Villa (música folclórica)

Alex Larsen (músico)

Felipe Diniz (músico e cantor)

Cultura Popular, Ritmos Tradicionais e Carnaval



Acarfi – Associação dos Carnavalescos de Foz do Iguaçu (samba)

Banda Bixo de Pé (samba/forró)

Bloco Amigos da Onça (samba)

Maracatu Kaburé (maracatu)

Maracatu Alvorada Nova (maracatu)

Dança e Teatro



Mariana Taques (dança contemporânea)

Tayssa Camila (contação de história, teatro)

Artesanato, Moda e Produção Manual



Artes da Nati (artesanato)

Frida Handmade (costura)

Javaman (costura)

Acervo Bafo Brechó (moda vintage)

Cicla Feito à Mão (artesanato)

Karina Amadori (arte da seda paraense)

Artes Visuais



Charlles Cunha (pintura)

Fundy Pederna (pintura)

Christian Rizzi (artista visual)

Cinema e Audiovisual



3 Margens – Festival Latino-Americano de Cinema (filmes e debates)

Movimentos Sociais e Organizações



Marcha das Mulheres Negras (organização social)

Mborayhu ñemoheñoi: A luta das mulheres Avá Guarani (organização indígena)

MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra)

- 1 GRAMADÃO
- 2 PRAÇA DA PAZ
- 3 PRAÇA DO MITRE
- 4 PARQUE REMADOR
- 5 PRAÇA DA BÍBLIA
- 6 TEATRO BARRACÃO
- 7 BAR SUDACAS
- 8 CLUBE GRESFI
- 9 CENTRO CULTURAL DA MESQUITA
- 10 CAMPUS INTEGRAÇÃO - UNILA
- 11 UNILA - JU
- 12 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA CNI
- 13 ESTAÇÃO CULTURAL
- 14 CENTRO DE CONVIVÊNCIA CLOVIS VIANA
- 15 ESTAÇÃO CULTURAL HAROLDO ALVARENGA
- 16 FUNDAÇÃO CULTURAL
- 17 PRAÇA ALMIRANTE TAMANDARÉ
- 18 EL PUNTO BAR
- 19 A CASA FOZ
- 20 CENTRO DA JUVENTUDE
- 21 ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO PARQUE PRESIDENTE
- 22 ZEPPELIN OLD BAR
- 23 LAB ART
- 24 SANTO CUPIM BOTEQUIM E RESTAURANTE
- 25 QUIXOTE CULTURAL
- 26 PRAÇA DA MENTIRA - ENSAIOS MARACATU
- 27 PRAÇA DE LA YAGUARETÉ - BLOCO AMIGOS DA ONÇA
- 28 CASA OCHO
- 29 CASA DA DITA
- 30 SELDEESTRELA
- 31 TERREIRO DE UMBANDA OGUM BEIRA MAR E VOVÓ CAMBINDA
- 32 TERREIRO DE UMBANDA FORÇA DIVINA DOS ORIXÁS
- 33 ILE ALAKETU ASE BARU - (MÃE EDNA DEBARU)

Figura 54. Fonte: Autoral, 2025.



O mapeamento dos espaços públicos de Foz do Iguaçu revela um paradoxo central: apesar da intensa produção cultural espontânea, informal e comunitária, essas práticas seguem invisibilizadas institucionalmente e pouco valorizadas no planejamento urbano. Essa ausência de reconhecimento e apoio revela uma lacuna entre o fazer cultural cotidiano e as políticas públicas culturais.

Por um lado, a diversidade das atividades levantadas demonstra riqueza simbólica e diversidade cultural. A multiplicidade de linguagens (música, dança, teatro, cinema, oralidade) confirma que Foz do Iguaçu é um território de intensa convivência intercultural. Essas manifestações cumprem papel essencial na constituição da identidade coletiva, no sentimento de pertencimento e na democratização da cultura.

Muitos espaços culturais de Foz do Iguaçu não tem apoio público ou reconhecimento, o que contrasta com a imagem turística da cidade. Essa situação gera dificuldade de manutenção e desigualdade no acesso. Sem políticas que os valorizem, essas práticas acabam vistas apenas como iniciativas pontuais, quando, na verdade, poderiam se consolidar como importantes instrumentos de inclusão, educação e fortalecimento da identidade coletiva.



Elemento gráfico.

ÁREA DE INTERVENÇÃO

SELEÇÃO DO TERRENO



Figura 55. Fonte: Google Earth, 2025.



Figura 56. Fonte: Autoral, 2025.

Dimensão do terreno: Aproximadamente 12.100m²

Localização: Localizado ao lado do Terminal de Transporte Urbano, entre o Bosque Guarani, com acesso pela Rua Tarobá, e o Batalhão Militar, pela Avenida Juscelino Kubitschek.



Figura 57. Fonte: Google Maps, Abr de 2024.



Figura 58. Fonte: Canal SSC, Set de 2025.

CRITÉRIO PARA SELEÇÃO DO LOTE DE INTERVENÇÃO

O terreno foi escolhido por sua localização privilegiada na região central de Foz do Iguaçu, o que favorece a acessibilidade de moradores de diferentes bairros e visitantes. Sua posição ao lado do Terminal de Transporte Urbano facilita a conexão com o transporte público, ampliando o potencial de uso coletivo do futuro centro cultural. Além disso, a proximidade com o Bosque Guarani — área de grande valor ambiental e cultural que passa por processos de revitalização — permite integrar o projeto ao parque, fortalecendo a relação entre espaço urbano, natureza e convivência comunitária. Essa escolha busca não apenas valorizar o entorno, mas também estimular a requalificação da área, criando novas possibilidades de uso público e de apropriação pela população.

DIMENSIONAMENTO DO LOTE

Para o desenvolvimento do anteprojeto no terreno selecionado, serão realizados estudos do lote e de seu entorno, com o objetivo de compreender de forma aprofundada as características e condicionantes do local.

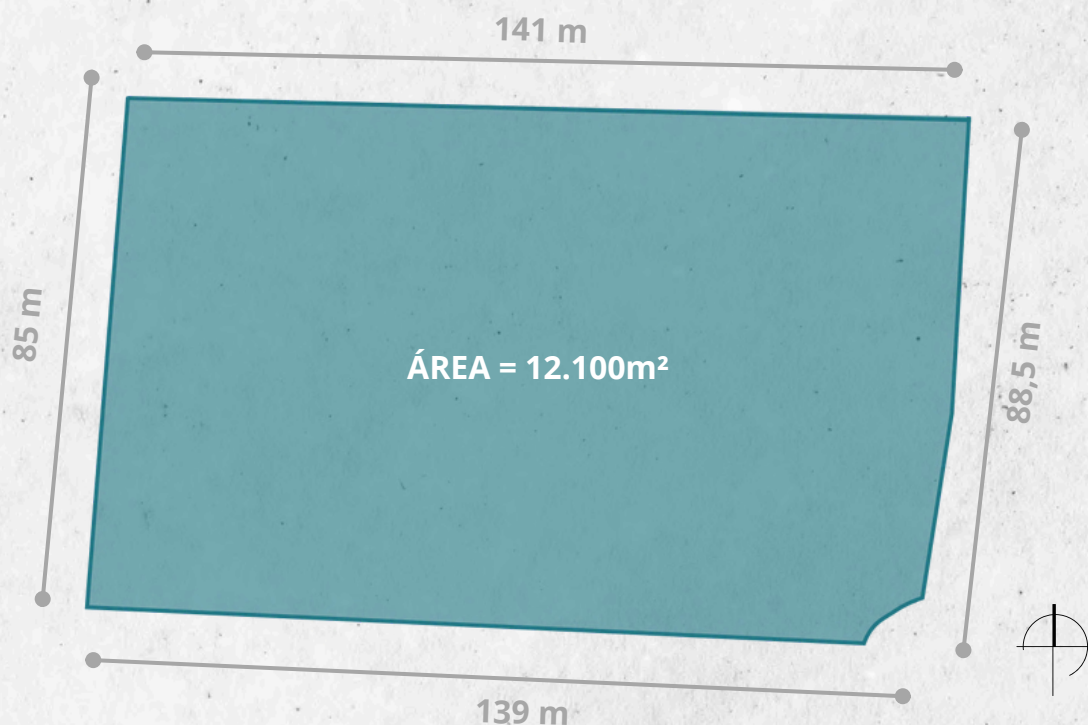
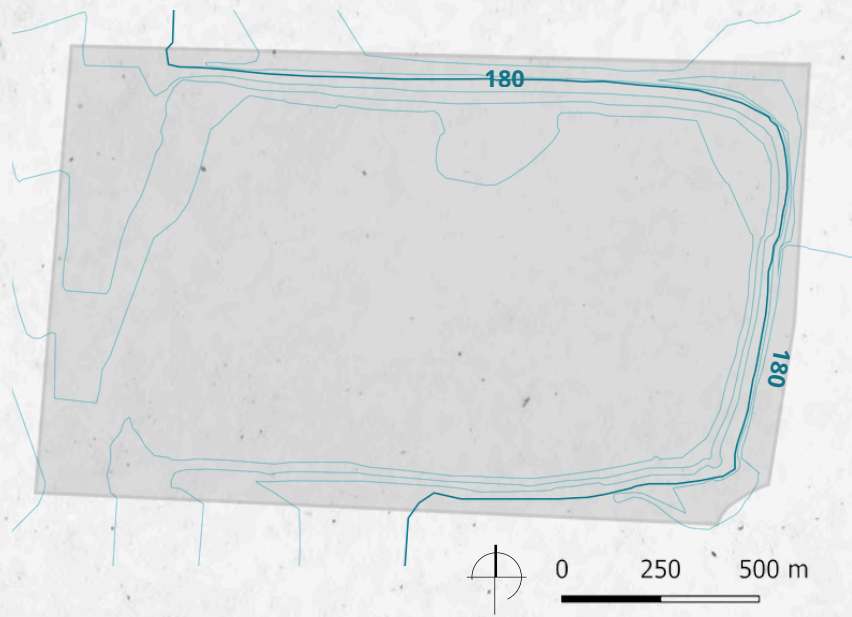


Figura 55. Fonte: Autorial, 2025.
Mapa realizado a partir dos dados da prefeitura de Foz do Iguaçu.

TOPOGRAFIA



- █ Curva mestra
- █ Curva intermediária

O terreno apresenta um desnível de aproximadamente 5 metros entre as laterais e o seu ponto central, o que possibilita a criação de acessos em diferentes níveis no anteprojeto.

Figura 56. Fonte: Autoral, 2025. Mapa realizado a partir dos dados da prefeitura de Foz do Iguaçu.

CONDIÇÕES BIOCLIMÁTICAS

A orientação norte é vantajosa por receber sol o dia todo e permitir maior entrada de luz e calor no inverno, enquanto a orientação oeste é mais desafiadora devido à intensa radiação solar da tarde. Essas características são essenciais para definir luminosidade, conforto térmico e posicionamento da vegetação em cada ambiente.

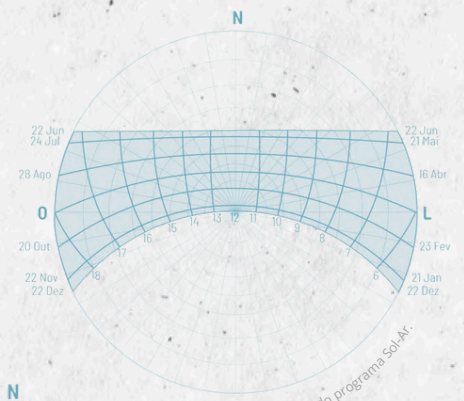
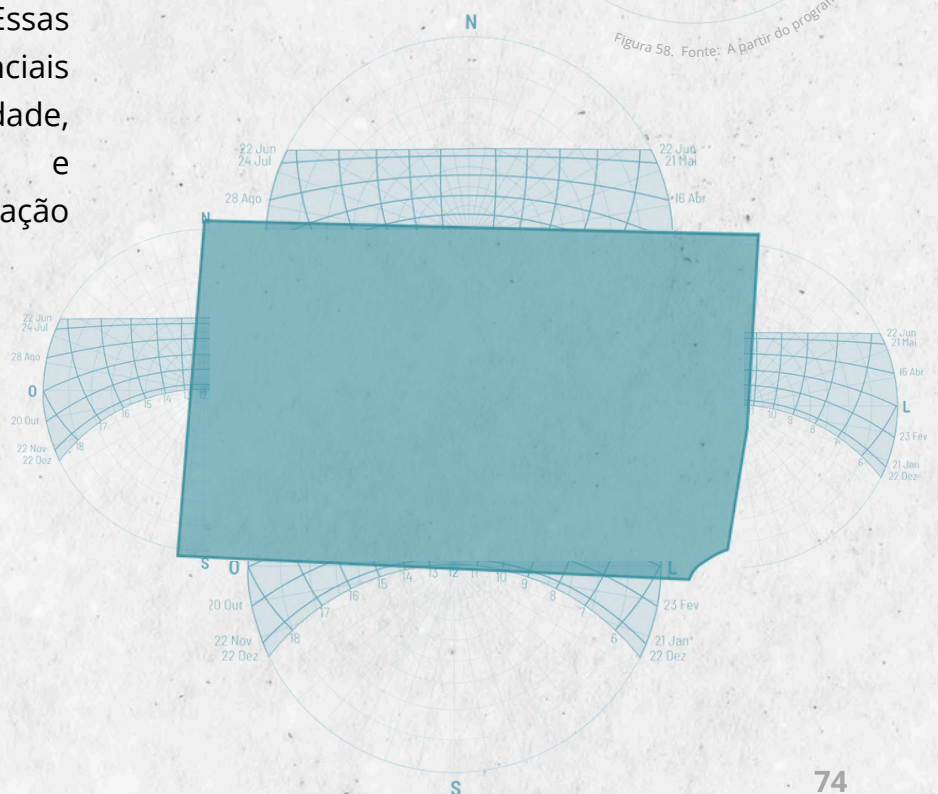


Figura 57. Fonte: Autoral, 2025. Mapa realizado a partir dos dados da prefeitura de Foz do Iguaçu.



ZONEAMENTO E PARCELAMENTO

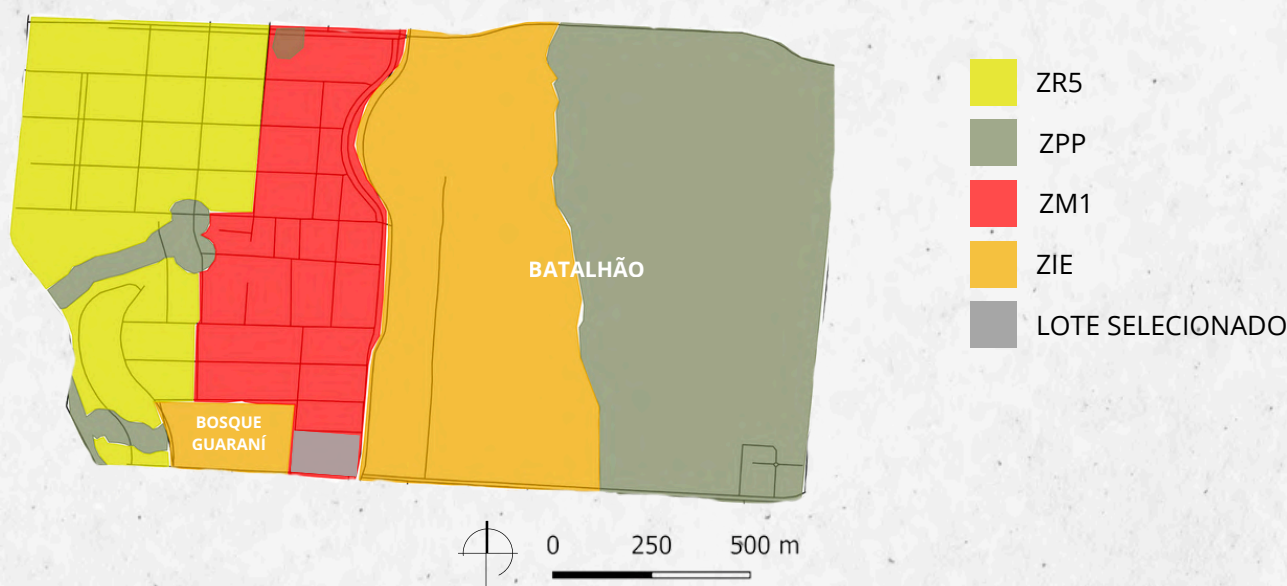


Figura 59. Fonte: Autoral, 2025.
Mapa realizado a partir dos dados da prefeitura de Foz do Iguaçu.

O zoneamento da área de estudo apresenta pouca diversidade, sendo composto por apenas quatro tipos de parcelamento do solo. O terreno selecionado está inserido na ZM1 (Zona Mista), que permite edificações com até quatro pavimentos. De acordo com a Lei Complementar nº 276 (Foz do Iguaçu, 2017), nessa zona são permitidas atividades voltadas a manifestações artísticas.

Nas proximidades do terreno localizam-se a ZR5 (Zona Residencial) e a ZIE (Zona de Interesse Estratégico), esta última caracterizada por áreas com grande potencial para o desenvolvimento urbano e implantação de equipamentos públicos. Parte do batalhão militar existente na região está incluída na ZIE, enquanto outra porção se enquadra na ZPP (Zona de Preservação Permanente).

Há uma crítica consistente à presença do batalhão militar em uma área com grande potencial para uso público, preservação ambiental e atividades culturais. A ocupação por uso restrito limita a função social da propriedade urbana, conforme o Estatuto da Cidade, e restringe o direito à cidade, que defende o acesso democrático ao espaço urbano. Assim, considera-se uma oportunidade perdida para integrar a área ao lazer, à educação ecológica e à valorização do patrimônio natural de Foz do Iguaçu.

HIERARQUIA VIÁRIA

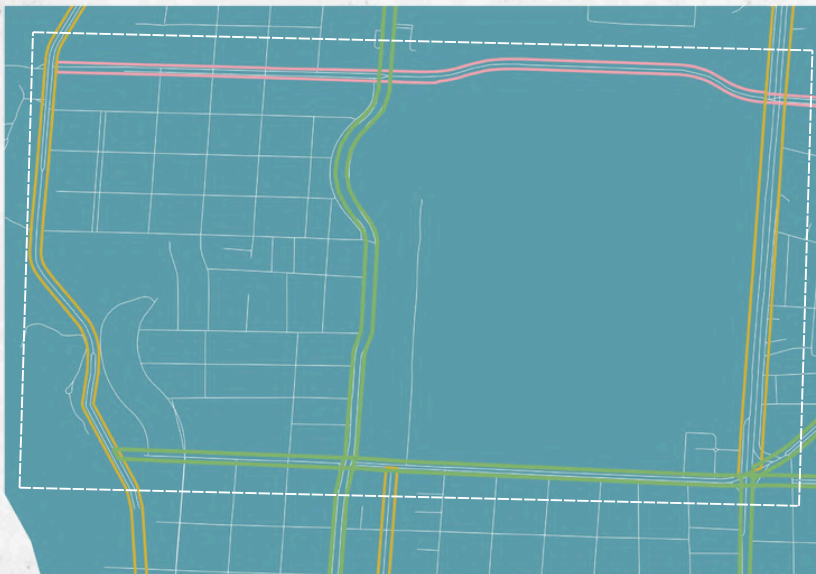
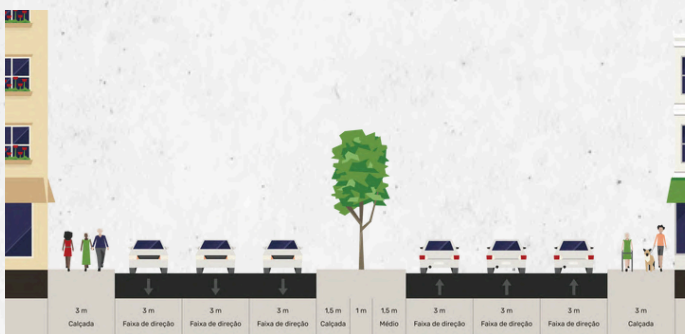
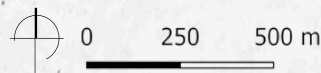


Figura 60. Fonte: Autoral, 2025. Mapa realizado a partir dos dados da prefeitura de Foz do Iguaçu.

- Via Especial
- Via Estrutural
- Conectora



Av. Juscelino Kubitschek - Estrutural

Figura 61. Fonte: Autoral, 2025, realizado no street mix.



Av. República Argentina - Estrutural

Figura 62. Fonte: Autoral, 2025, realizado no street mix.



Av. Beira Rio - Especial

Figura 63. Fonte: Autoral, 2025, realizado no street mix.

O entorno do lote selecionado é composto por uma Via Especial, a Avenida Beira Rio, duas vias estruturais — Avenida Juscelino Kubitschek e Avenida República Argentina — e uma via conectora, a Avenida Duque de Caxias. Nesse contexto, é fundamental planejar cuidadosamente a forma de conexão dessas avenidas com o Centro Cultural, considerando que se tratam de vias com grande fluxo de veículos. As soluções de acesso devem priorizar a segurança dos pedestres e dos usuários do espaço, garantindo circulação segura e acessível.

ESPÉCIES ARBÓREAS

Foz do Iguaçu, caracterizada pelo clima subtropical úmido e pelas matas pluviais, abriga um rico ecossistema nativo com centenas de espécies vegetais locais. Os bosques da região destacam-se especialmente pela presença de araucárias, ipês, erva-mate, peroba-rosa, cedro, entre outras árvores, além de uma grande variedade de arbustos e plantas rasteiras.

Boa parte das espécies arbóreas possuem propriedades medicinais, seja segundo a medicina farmacológica ou pelo conhecimento popular. Muitas outras também oferecem frutos, ores ou estruturas comestíveis.

Abaixo segue um lista com algumas das espécies arbóreas:



Medicinal



Comestível

GARAPÁ



ARAUCÁRIA



PEROBA-ROSA



GURITÁ



PAU MARFIM

LOURO BRANCO

PATA DE VACA



CANJARANA



GUAVIOEIRA DE PORCO



CEDRO



ALECRIM

PAINEIRA



GUAJUVIRA

TIMBAÚVA

CORTICEIRA



PITANGUEIRA



PALMITO JUÇARA



MUTAMBA PRETA



IPÊ ROXO



IPÊ AMARELO



JANGADA BRAVA

ERVA MATE



PROGRAMA DE NECESSIDADES

Com base em entrevistas realizadas com agentes culturais e na observação dos espaços culturais mapeados (Figura 54), assim como das atividades que neles ocorrem, propõe-se o seguinte programa de necessidades:

Área de Recepção e Acolhimento

Hall de entrada / recepção /
Área de espera e convivência
Loja de produtos culturais/artesanato local
Café

Espaços Expositivos e de Memória

Sala de exposições temporárias
Espaço multimídia (instalações digitais, projeções)

Espaços de Produção Cultural e Formação

Salas multiuso para oficinas (pintura, artesanato, música, etc)
Estúdio de gravação de áudio e vídeo
Salas de ensaio (dança, teatro, música)
Biblioteca/espaço de pesquisa

Espaços de Apresentação e Encontro

Teatro/auditório (com palco e camarins)
Salas para rodas de conversa e debates
Sala multimídia para cine debates
Anfiteatro
Praça

Administração e Apoio

Coordenação e administração
Salas de reunião
Sala de apoio a produtores culturais e grupos comunitários
Cozinha comunitária e refeitório
Almoxarifado e depósitos técnicos
Sanitários

Convivência e Bem-estar

Espaços de estar ao ar livre (praça, jardim)
Bicicletário

O termo “comunitário” em um centro cultural não é apenas um adjetivo, mas carrega sentidos políticos, sociais e espaciais. Diferente de um equipamento apenas público — que é mantido pelo Estado e acessível a todos — um centro cultural comunitário nasce ou se organiza a partir das demandas da comunidade, envolvendo seus moradores na gestão, na programação e no uso cotidiano. Além disso, ele não é apenas um palco para consumir cultura pronta, mas um lugar onde as pessoas produzem, compartilham e constroem cultura coletivamente, como destaca Teixeira Coelho ao afirmar que a cultura passa de espetáculo a vivência. O aspecto comunitário também está ligado ao reconhecimento das identidades locais e ao sentimento de pertencimento, valorizando memórias, saberes e práticas populares, como defendem Pedro Abib e Boaventura de Sousa Santos. Por fim, essa ideia pressupõe gestão participativa e democracia cultural, com conselhos gestores, espaços de escuta e critérios transparentes, tornando o centro um espaço vivo e corresponsável, e não apenas um serviço oferecido pelo poder público.



Elemento gráfico.

ÑANDE ROGA

NOSSA



CASA

O nome **Ñande Roga** vem do guarani e significa “*Nossa Casa*”. A expressão carrega um sentido profundo de coletividade, pertencimento e acolhimento — princípios fundamentais tanto da cultura guarani quanto da proposta do Centro Cultural.

Escolher esse nome simboliza a intenção de criar um espaço verdadeiramente inclusivo, onde diferentes identidades culturais, linguagens artísticas e memórias possam conviver. Ao usar uma língua originária da região trinacional, o projeto também reconhece e valoriza a ancestralidade presente em Foz do Iguaçu, fortalecendo vínculos com a memória territorial e com os povos que historicamente habitam esse território.

Assim, Ñande Roga representa mais do que um edifício: é um gesto de respeito à diversidade, um convite à convivência e um compromisso com o direito à cidade. É um espaço pensado para ser vivido e compartilhado — uma “casa comum” para todos.

05

ANTEPROJETO

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do anteprojeto partiu da síntese entre as necessidades culturais identificadas na cidade, as análises do território e as diretrizes projetuais definidas ao longo da pesquisa. A partir do mapeamento dos espaços culturais, das entrevistas e das características ambientais e urbanas do lote, foi possível estruturar uma proposta que integra espaço público, natureza e cultura em um único conjunto arquitetônico. O processo de concepção buscou respeitar a topografia existente, garantir acessibilidade, aproveitar os recursos naturais e valorizar materiais regionais, resultando em um centro cultural que se conecta de forma sensível ao contexto de Foz do Iguaçu. A seguir, apresento como essas decisões se materializam no partido arquitetônico, na organização dos espaços e na linguagem adotada, revelando a construção do anteprojeto.

PARTIDO ARQUITETÔNICO

O projeto parte da leitura sensível da topografia existente, aproveitando o desnível natural do terreno para distribuir os espaços em diferentes níveis e criar percursos fluidos e acessos independentes. Essa estratégia permite uma conexão orgânica entre os ambientes internos e externos, favorecendo a ventilação cruzada, a iluminação natural e o diálogo direto com a paisagem e o contexto urbano. Áreas de convivência e permanência são integradas ao redor da edificação, reforçando o caráter acolhedor e comunitário do centro cultural.

CONCEITO

"Conexão entre cultura e natureza" — a proposta visa integrar a arquitetura ao ambiente natural e urbano de forma respeitosa e simbólica, criando um espaço onde a produção cultural se funde com a paisagem. O centro cultural é pensado como um elo entre o passado e o presente de Foz do Iguaçu, promovendo inclusão social, diversidade de expressões e fortalecimento da identidade local. A arquitetura torna-se suporte para vivências coletivas, memórias afetivas e encontros multiculturais.

UNIÃO ENTRE CULTURA E NATUREZA EM UMA
ARQUITETURA QUE CONECTA PESSOAS, PAISAGEM E
IDENTIDADE LOCAL.

DIRETRIZES

1. Acesso democrático e inclusão

- Garantir acessibilidade para todos os espaços (desníveis, rampas, banheiros adaptados).
- Implantação com múltiplos acessos e entradas estratégicas que favoreçam a apropriação comunitária.
- Criar espaços que convidem à permanência, ao encontro e ao uso espontâneo.

2. Integração com o contexto urbano

- Utilizar a topografia existente para distribuir os espaços em níveis conectados.
- Estabelecer relações visuais e físicas com a paisagem urbana e natural.

3. Flexibilidade e uso compartilhado

- Priorizar espaços multiuso e adaptáveis para diferentes atividades culturais e comunitárias.

4. Valorização da cultura local

- Espaços voltados à produção e difusão da arte regional e identitária (artesanato, música, dança, etc).
- Loja, exposições e oficinas que envolvam a comunidade e resgatem saberes populares.

5. Sustentabilidade e bem-estar

- Aproveitamento da iluminação e ventilação natural.
- Preservação e/ou implantação de áreas verdes (hortas, praças, jardins).
- Inclusão de bicicletário e incentivo à mobilidade ativa.

6. Centralidade comunitária

- Espaços de convivência e descanso integrados aos usos culturais e formativos.
- Implantar o projeto como ponto de encontro e articulação social, fortalecendo laços comunitários.

IMPLANTAÇÃO

Por meio da implantação, é possível observar de que forma foram organizados os acessos ao projeto. O acesso principal ocorre pela Rua Tarobá, facilitando a circulação entre o lote e o Terminal de Transporte Urbano, além de configurar uma praça pública e ponto de encontro. O segundo acesso se dá pela Avenida JK, localizada no nível topográfico mais alto do terreno, por meio de uma rampa que conecta a avenida diretamente ao segundo pavimento.

ÁREA TOTAL= 9000 m²



PRAÇA



MIRANTE



DECK



RAMPA DE ACESSO

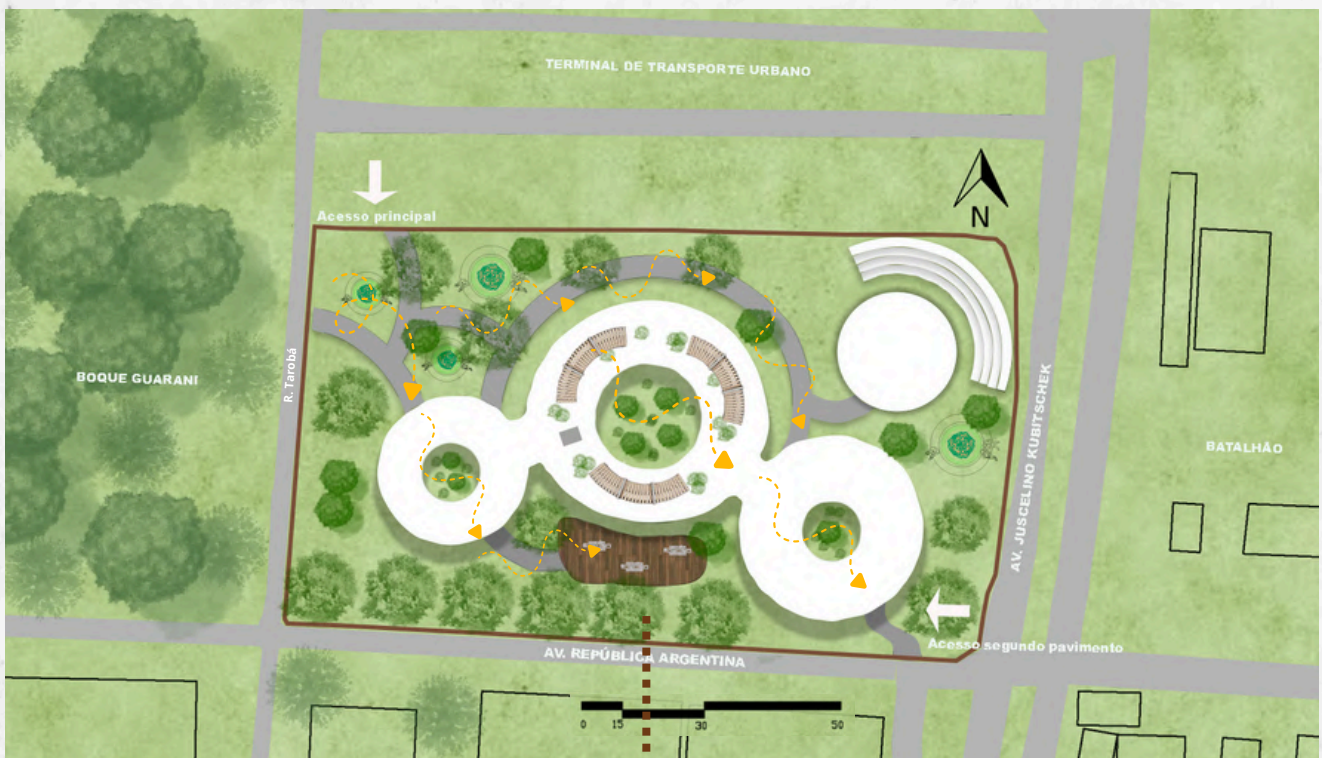


COBERTURA VERDE



ANFITEATRO

FLUXO



Todos os acessos e caminhos foram planejados de forma funcional, buscando otimizar ao máximo o uso do lote. Desde a entrada principal — onde se localiza a praça que abraça o edifício até o anfiteatro — os fluxos foram organizados para garantir continuidade e integração. No interior dos edifícios, aberturas estratégicas reforçam a conexão entre os ambientes internos e externos, permitindo que as pessoas circulem com facilidade por todo o conjunto, seja pelo acesso principal ou pelo acesso secundário voltado para a Avenida JK.

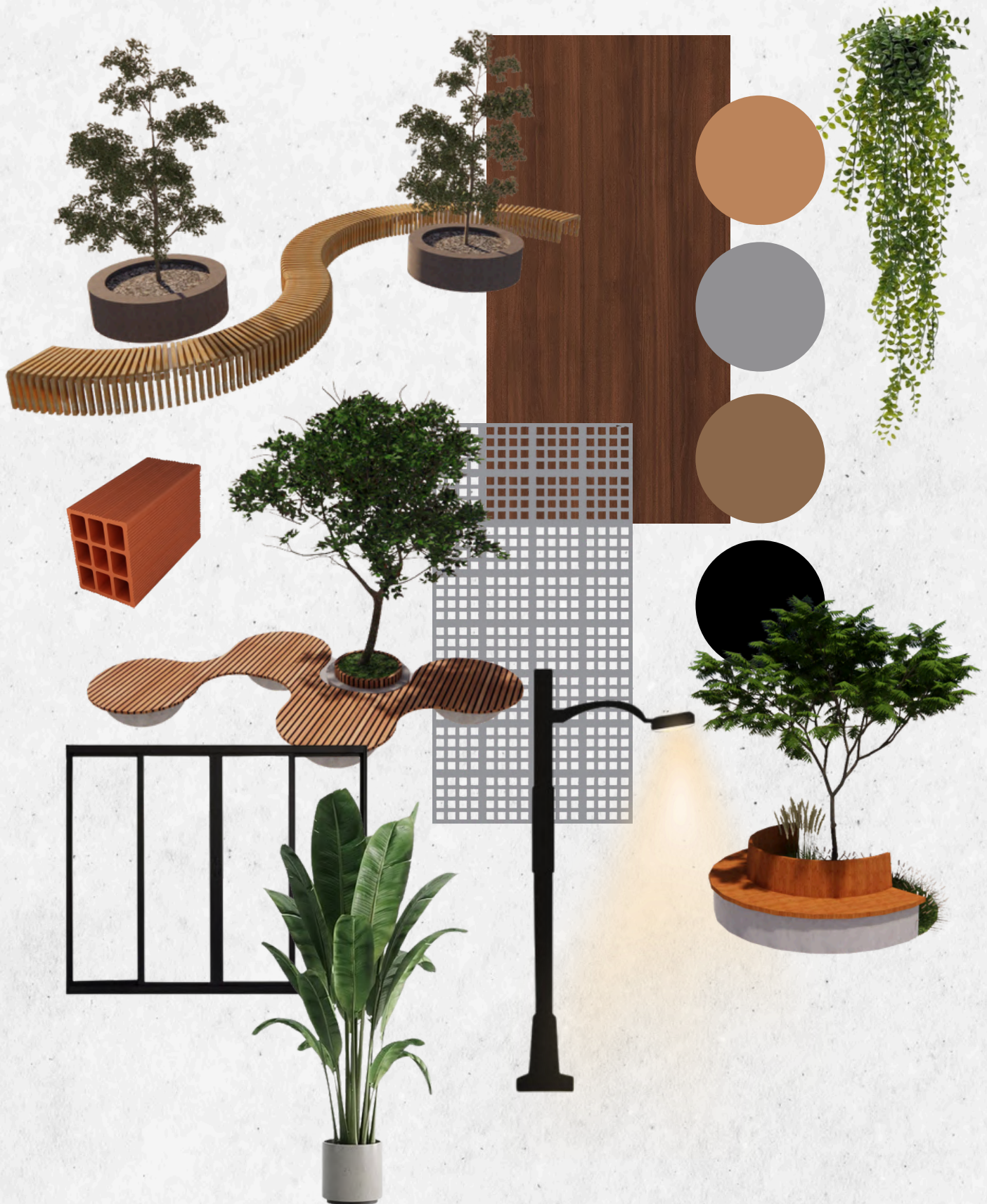
CORREDOR VERDE

Para a fachada sul, foi proposto um corredor verde que proporciona sombreamento e, ao mesmo tempo, oculta a vista dos hotéis localizados na Avenida República Argentina.



MOODBORD ÁREA EXTERNA

A escolha das cores, materiais e mobiliários foi pensada de forma integrada, visando garantir conforto e bem-estar aos usuários. Para a estrutura, optou-se pelo uso de alvenaria e concreto armado, posteriormente revestidos com madeira, solução que contribui significativamente para o conforto térmico do ambiente.



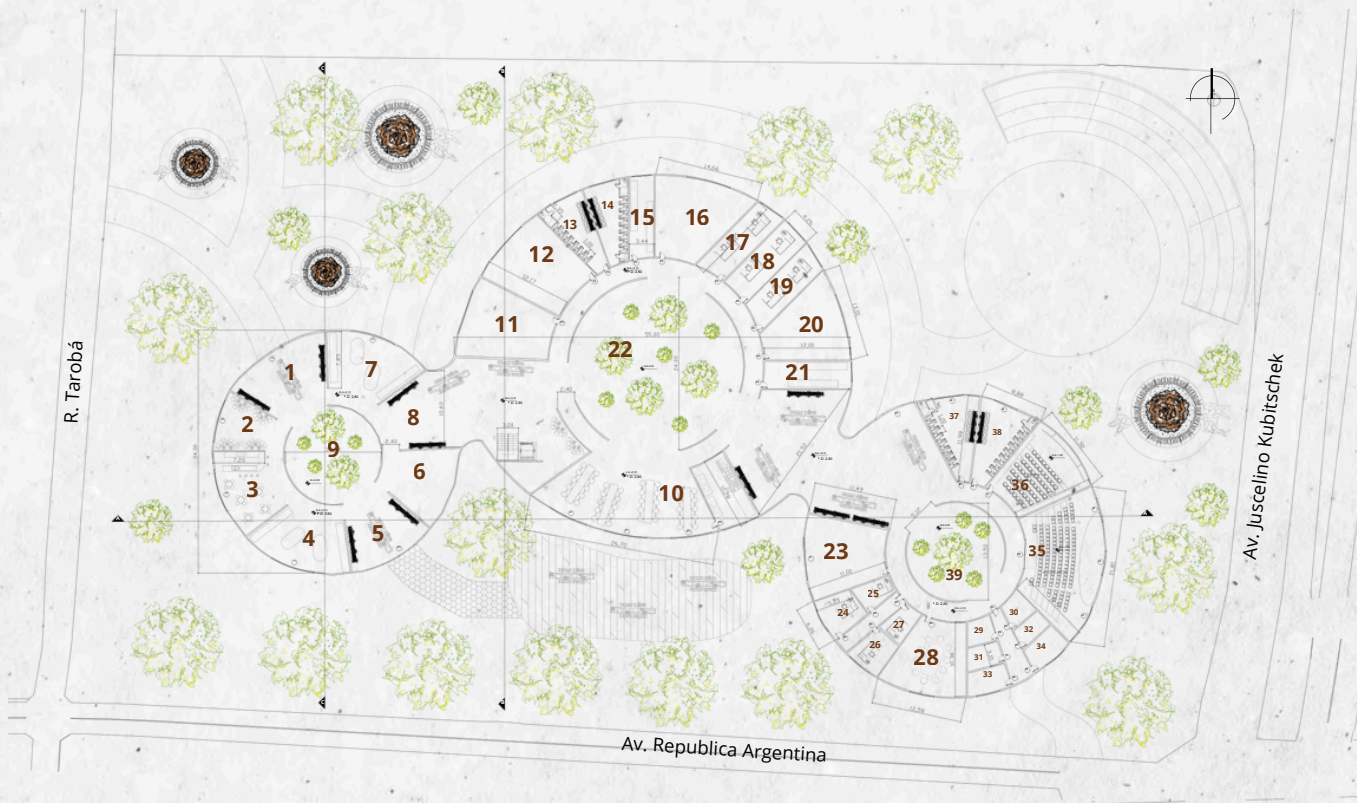
MOOdBORD ÁREA INTERNA

Internamente, o edifício possui piso laminado, enquanto as áreas molhadas recebem revestimentos cerâmicos. Para o mobiliário, adotou-se o uso de madeira com estofados em cores neutras, aplicando pontos de cor apenas em elementos específicos, de modo a não competir visualmente com as manifestações artísticas presentes no espaço.



PLANTA BAIXA

Os ambientes foram desenvolvidos a partir do programa de necessidades definido conforme as demandas identificadas. Priorizou-se a funcionalidade e a boa circulação entre os espaços. Foram previstas diversas salas multiuso, capazes de receber uma ampla variedade de atividades culturais.



PLANTA BAIXA TÉRREO



QUADRO DE PORTAS E JANELAS	
P1	10 X 2.50
P2	0.80 X 2.10
P3	6.00 X 2.10
P4	4.00 X 2.10
J1	6.00 X 1.50 X 1.00
J2	2.50 X 0.50 X 1.60
J3	3.50 X 0.50 X 1.60

- 1 - HALL PRINCIPAL
- 2 - ÁREA DE CONVÍVIO
- 3 - CAFETERIA
- 4 - LOJA ARTESANAL
- 5 - HALL
- 6 - EXPOSIÇÕES DIGITAIS -
- 7 - EXPOSIÇÕES FÍSICAS
- 8 - HALL
- 9 - JARDIM INTERNO
- 10 - REFEITÓRIO E COZINHA
- 11 - SALA DE DANÇA
- 12 - SALA DE DANÇA
- 13 - BWC FEMININO
- 14 - BWC MASCULINO
- 15 - ALMOXARIFADO
- 16 - SALA DE DANÇA
- 17 - SALA DE APOIO A GRUPOS
- 18 - SALA DE APOIO A GRUPOS
- 19 - SALA DE APOIO A GRUPOS
- 20 - SALA MULTIUSO
- 21 - DEPOSITO
- 22 - JARDIM INTERNO
- 23 - SALA MULTIUSO
- 24 - COORDENAÇÃO
- 25 - ADMINISTRAÇÃO
- 26 - DIREÇÃO
- 27 - ADMINISTRAÇÃO
- 28 - SALA DE UNIÃO
- 29 AO 34 - CAMARINS
- 35 - AUDTÓRIO
- 36 - CINEMA
- 37 - BWC FEMININO
- 38 - BWC MASCULINO



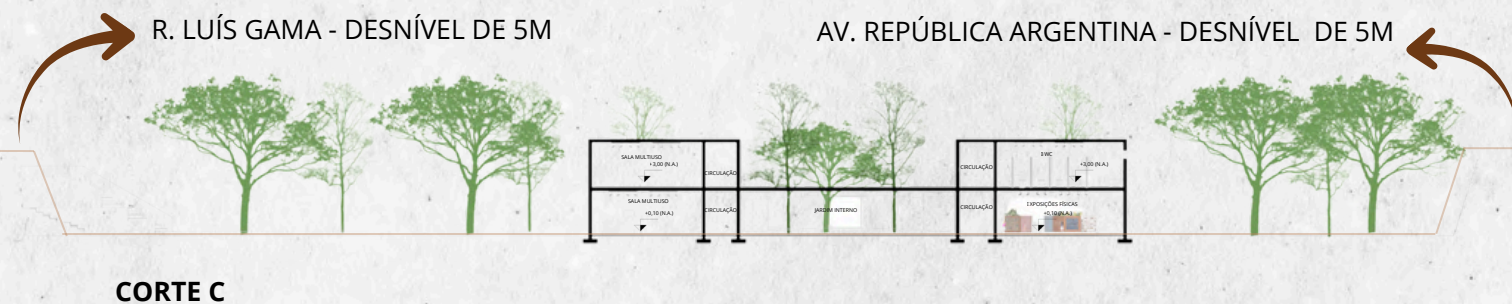
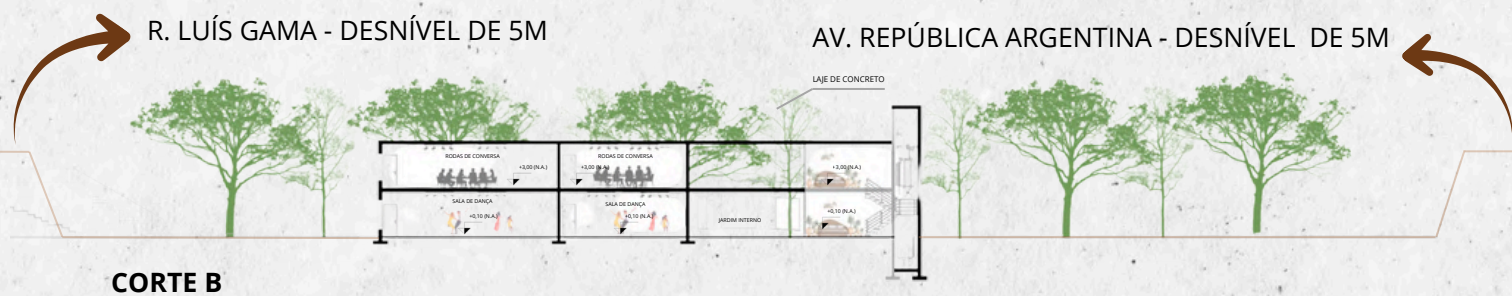
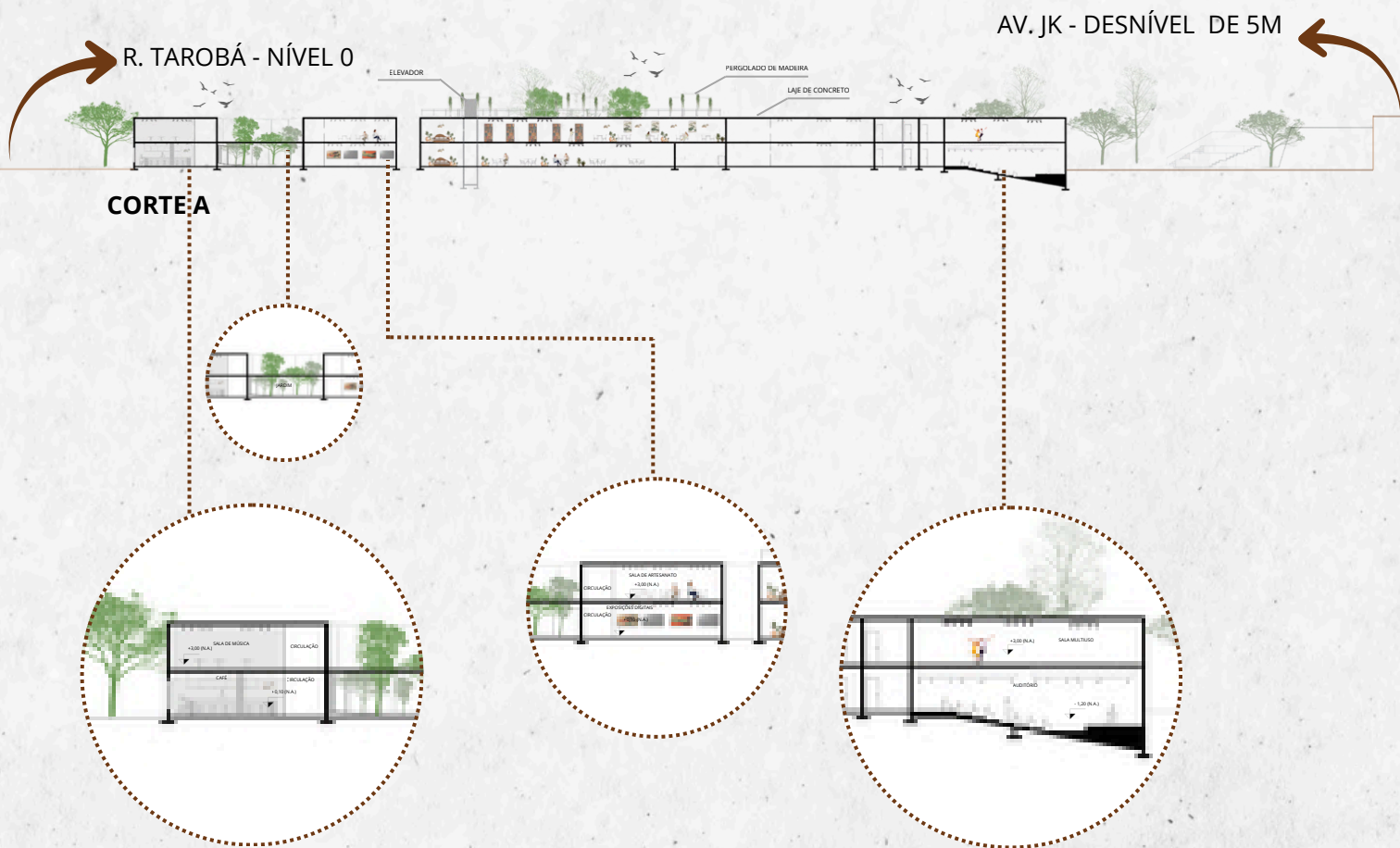
PLANTA BAIXA PRIMEIRO PAVIMENTO



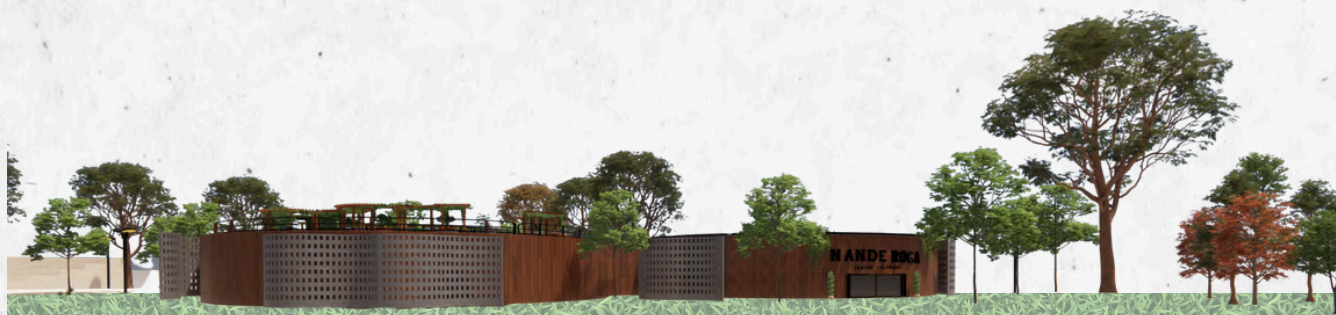
QUADRO DE PORTAS E JANELAS	
P1	10 X 2.50
P2	0.80 X 2.10
P3	6.00 X 2.10
P4	4.00 X 2.10
J1	6.00 X 1.50 X 1.00
J2	2.50 X 0.50 X 1.60
J3	3.50 X 0.50 X 1.60

- 39 - SALA MULTIUSO
- 40 - SALA DE MÚSICA
- 41 - SALA DE MÚSICA
- 42 - SALA DE ARTESANATO
- 43 - SALA DE ARTESANATO
- 44 - BWC FEMININO
- 45 - BWC MASCULINO
- 47 - BIBLIOTECA
- 48 - RODAS DE CONVERSAS
- 49 - RODAS DE CONVERSAS
- 50 - BWC FEMININO
- 51 - BWC MASCULINO
- 52 - ALMOXARIFADO
- 53 A 56 - SALAS MULTIUSO
- 57 - DEPÓSITO
- 58 - SALA DE PINTURA
- 59 - SALA DE PINTURA
- 60 - ESTÚDIO DE GRAVAÇÃO
- 61 - HALL
- 62 E 63 - SALAS MULTIUSO
- 64 - BWC FEMININO
- 65 - BWC MASCULINO
- 66 - ALMOXARIFADO

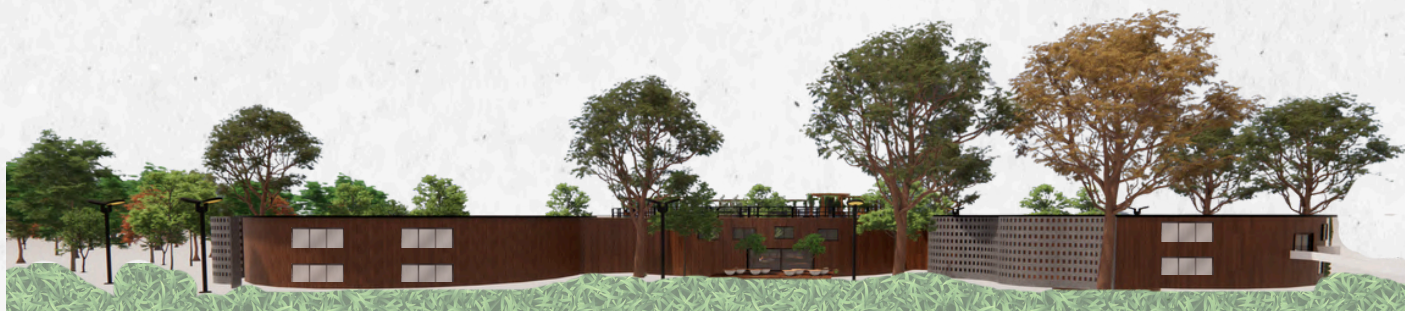
CORTES



FACHADAS



FACHADA NORTE



FACHADA SUL



FACHADA LESTE



FACHADA OESTE

A fachada principal corresponde ao acesso pela Rua Tarobá. Ao observar as fachadas sul e leste, identifica-se a rampa do segundo acesso, onde também foi desenvolvida uma fachada mais elaborada, com a identificação do Centro Cultural, por se tratar igualmente de um ponto de entrada. Esse acesso ocorre pela Avenida JK e permite ligação direta ao segundo pavimento.

Nas fachadas, destaca-se o uso expressivo de cobogós, responsáveis por possibilitar a entrada de luz natural nas janelas posicionadas posteriormente, ao mesmo tempo em que promovem o controle da incidência solar, aspecto fundamental em função do clima de Foz do Iguaçu.



ACESSO PRINCIPAL



PRAÇA



DECK DE MADEIRA



ANFITEATRO





MIRANTE



MIRANTE



CAFETERIA



SALA DE REUNIÕES



EXPOSIÇÕES FÍSICAS



LOJA ARTESANAL

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do Centro Cultural Ñande Roga demonstrou a relevância de pensar a arquitetura como instrumento de inclusão, resistência urbana e valorização da diversidade cultural. Localizado em um ponto estratégico da cidade de Foz do Iguaçu, entre o Terminal de Transporte Urbano e o Bosque Guarani, o projeto se fundamenta na compreensão de que o espaço público é um direito coletivo e um elemento essencial para a vida urbana, como apontam autores como Henri Lefebvre, David Harvey e Milton Santos.

A pesquisa teórica, estruturada a partir de perspectivas decoloniais, urbanas críticas e reflexões sobre memória biocultural, permitiu construir uma proposta que reconhece e valoriza as múltiplas identidades presentes no território fronteiriço. Nesse sentido, o Ñande Roga prioriza a permeabilidade, a fruição pública e o estímulo à convivência, configurando-se como um espaço aberto, acolhedor e sensível às diferentes expressões culturais.

O partido arquitetônico adotado — com uso de concreto armado, madeira, permeabilidade visual, jardins integrados e elementos de basalto e arenito — reforça a intenção de criar uma edificação que dialoga com o entorno e com as características materiais da região. Os espaços internos foram organizados de modo a garantir boa funcionalidade, acessibilidade universal e flexibilidade, permitindo que o centro cultural abrace desde práticas artísticas tradicionais até manifestações contemporâneas.

Assim, o projeto do Centro Cultural Ñande Roga reafirma o papel da arquitetura como promotora de justiça espacial, pertencimento e diversidade. Conclui-se que a criação de um equipamento cultural como este não apenas supre a carência de espaços voltados à arte e à cultura em Foz do Iguaçu, mas também atua como gesto simbólico e concreto de democratização da cidade, fortalecendo o encontro, a memória coletiva e o direito à cultura como dimensão fundamental da vida urbana.



06

REFERÊNCIAS

5.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Pedro. **Culturas populares e educação popular: diálogo sobre práticas de resistência e emancipação**. Salvador: EDUFBA, 2015. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112032.pdf> Acesso em: 03 Jul 2025.

ANPUR. **Anais do XVIII Encontro Nacional da ANPUR**. Natal: ANPUR, 2019. Disponível em: <https://anpur.org.br/category/anais/enanpur/> Acesso em: 03 Jul 2025.

ARCHDAILY. **Clássicos da Arquitetura: SESC Pompéia / Lina Bo Bardi**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi>. Acesso em: 2 jul. 2025.

ARCHDAILY. **Centro Cultural Morelia / Iván Marín + Doho constructivo**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/924548/centro-cultural-morelia-ivan-marin-plus-doho-constructivo>. Acesso em: 2 jul. 2025.

ARCHDAILY. **La Tallera / Taller Frida Escobedo**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-94430/la-tallera-slash-frida-escobedo>. Acesso em: 2 jul. 2025.

BONDUKI, Nabil. **Cultura e espaço público: cidades e políticas culturais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

BORRERO, Alfredo Gutiérrez. **Fronteras culturales y urbanismo**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2014. Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2020/15/5-REDOBRA_15-Entrevistas_Alfredo_Gutierrez_Borrero.pdf. Acesso em: 03 Jul 2025.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 1997. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bg/article/view/398>. Acesso em: 03 Jul 2025

COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário**. São Paulo: Iluminuras, 2009. Disponível em: https://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf/001054.pdf. Acesso em: 03 Jul 2025.

FORMULÁRIO DE PESQUISA. Google Forms. Disponível em:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeN_XzdPBzwfep5mF4rZ4mObYDLr2GxVRw2ZSUmF5b8hb85g/viewform?usp=sharing&oid=115083387230318442759.

Acesso em: 07 dez. 2025.

FOZ do Iguaçu. **Lei nº 276, de 6 de novembro de 2017.** Dispõe sobre o zoneamento de uso e ocupação do solo do Município de Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu, PR: Diário Oficial da União, 2017.

FOZ do Iguaçu. **Lei nº 305, de 23 de janeiro de 2019.** Altera e revoga dispositivos da Lei Complementar nº 276, de 6 de novembro de 2017, que dispõe sobre o zoneamento de uso e ocupação do solo do Município de Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu, PR: Diário Oficial da União, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. Disponível em: https://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 03 Jul 2025.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 2012. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/David-Harvey-Cidades-rebeldes.pdf>. Acesso em: 03 Jul 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: População e domicílios – Primeiros resultados.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001. Disponível em: https://monoskop.org/images/f/fc/Lefebvre_Henri_O_direito_a_cidade.pdf. Acesso em: 03 Jul 2025.

MARICATO, Ermínia. **O impasse da política urbana no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufvjm.edu.br/revista-espinhaco/article/view/64>. Acesso em: 03 Jul 2025.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **A cidade e o urbano: os sentidos do público.** Rio de Janeiro: Revan, 2004. Disponível em: http://corpocidade.dan.ufba.br/arquivos/Ana_Clara.pdf. Acesso em: 03 Jul 2025.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2009. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/A_cidade_e_a_lei/zp-AvZyg38oC?hl=pt-BR&gbpv=1&pg=PA15&printsec=frontcover. Acesso em: 03 Jul 2025.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Por_uma_outra_globaliza%C3%A7%C3%A3o/eBxvwrQXd58C?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 03 Jul 2025.

TOLEDO, Víctor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **La memoria biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**. Barcelona: Icaria Editorial, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/18012>. Acesso em: 03 Jul 2025.

WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2000. Disponível em: <https://editoraperspectiva.com.br/produtos/interior-da-historia-o/?srsltid=AfmBOoo7NCsdV0-WQzF8JlImfdoEzJmzjaFay06WV83S-YeUduOkXXafy>. Acesso em: 03 Jul 2025.

5.1 REFERÊNCIAS DAS FIGURAS

Figura 1. Rawpixel. Disponível em: <https://www.rawpixel.com/image/14434437/png-art-backgrounds-creativity-abstract>. Acesso em: 05 Mai 2025

Figura 4. Hotel Del Rey. Disponível em: <https://www.hoteldelreyfoz.com.br/blog/2-documentos-necessarios-para-atravesar-a-divisa-de-foz-do-iguacu-2023/>. Acesso em: 22 Mai 2025.

Figura 5. Sofia Sias. Disponível em: <https://br.pinterest.com/sofiasima/>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 6. Tina Bombina. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/662944007687175041/>. Acesso em: 03 Jul de 2025.

Figura 7. Artcorvibes FR. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/47287864832024165/>. Acesso em: 03 Jul 2025.

Figura 8 e 9. Jose Carlos Macouzet / Eduardo Armenta. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/924548/centro-cultural-morelia-ivan-marin-plus-doho-constructivo>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 10. Iván Marín + Doho Constructivo. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/924548/centro-cultural-morelia-ivan-marin-plus-doho-constructivo>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 11, 12 e 13. Jose Carlos Macouzet / Eduardo Armenta. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/924548/centro-cultural-morelia-ivan-marin-plus-doho-constructivo>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 14. Iván Marín + Doho Constructivo. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/924548/centro-cultural-morelia-ivan-marin-plus-doho-constructivo>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 15, 16 e 17. Jose Carlos Macouzet / Eduardo Armenta. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/924548/centro-cultural-morelia-ivan-marin-plus-doho-constructivo>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 18. Iván Marín + Doho Constructivo. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/924548/centro-cultural-morelia-ivan-marin-plus-doho-constructivo>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 19. Jose Carlos Macouzet / Eduardo Armenta. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/924548/centro-cultural-morelia-ivan-marin-plus-doho-constructivo>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 20, 21, 23, 27, 28, 29, 30, 31 e 32. Rafael Gamo. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/924548/centro-cultural-morelia-ivan-marin-plus-doho-constructivo>. Acesso em: 03 Jul 2025.

Figura 22, 24 e 26. Frida Escobedo. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/924548/centro-cultural-morelia-ivan-marin-plus-doho-constructivo> Acesso em: 03 Jul 2025.

Figura 33 e 34. Pedro Kok. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/924548/centro-cultural-morelia-ivan-marin-plus-doho-constructivo>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 35. Via arquitetura. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/924548/centro-cultural-morelia-ivan-marin-plus-doho-constructivo>. Acesso em: 03 Jul de 2025.

Figura 36. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/noticias/sesc-pompeia-pode-ser-tombado-patrimonio-cultural-brasileiro/>. Acesso em: 03 Jul 2025.

Figura 37 e 38. Disponível em: <https://artequeacontece.com.br/guia/sao-paulo/sesc-pompeia/>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 39. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/unidades/pompeia/>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 40. Iván Marín + Doho Constructivo. Disponível em: <https://blog.facens.br/sesc-pompeia-e-uma-das-25-obras-arquitetonicas-mais-importantes-do-pos-guerra-segundo-o-new-york-times/>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 41. Sérgio Brisola. Disponível em: <https://www.descubrasampa.com.br/2019/11/sesc-pompeia-passarelas.html>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 42. Disponível em: <https://papodearquitecto.com.br/6-tipos-de-tijolo-ceramico/>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 43. Disponível em: <https://www.engemix.com.br/bloco-de-concreto-o-que-e-e-por-que-eles-sao-essenciais-em-sua-obra/>. Acesso em 03 Jul 202

Figura 44. Disponível em: <https://www.portaldoconcreto.com.br/concreto-armado>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 45. Disponível em: <https://www.g-haus.com.br/caibro-de-madeira-eucalipto-bruta-5cm-x-5-4m-tavares/p>. Acesso em: 03 Jul 2025.

Figura 46. Disponível em: <https://www.estructuraco.com/estructuras-metalicas-para-telhado-quando-usar-e-quais-sao-as-vantagens/>. Acesso em: 03 Jul 2025.

Figura 47. Disponível em: <https://www.ecovidros.com.br/produtos/porta-de-vidro/porta-de-vidro-para-loja>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 48. Disponível em: <https://decorpedras.com.br/produto/basalto-natural-irregular/>. Acesso em: 03 Jul de 2025.

Figura 49. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/noticias/sesc-pompeia-pode-ser-tombado-patrimonio-cultural-brasileiro/>. Acesso em: 03 Jul 2025.. Acesso em: 03 Jul de 2025.

Figura 50. Disponível em: <https://blog.tanto.com.br/2022/05/06/cobogos-onde-usar-e-como-escolher/>. Acesso em 03 Jul 2025.

Figura 51. Tina Bombina. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/662944007687175041/>. Acesso em: 03 Jul de 2025.

Figura 52. Alex Shoots Buildings. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/1011962/elegar-a-conectividade-das-cidades-as-passarelas-urbanas/659b32a3e4ffba0b5d7a9e88-elevating-urban-connectivity-the-spirit-of-pedestrian-bridges-in-cities-photo?next_project=no. Acesso em: 03 Ago 2025

Figura 57. Google Maps, Abril de 2024. Disponível em: https://www.google.com/maps/place/R.+Tarob%C3%A1+-+Foz+do+Igua%C3%A7u,+PR/@-25.5365835,-54.5885907,748m/data=!3m2!1e3!4b1!4m6!3m5!1s0x94f69037f34540c3:0xf815c6a3ba2d8dbe!8m2!3d-25.5365835!4d-54.5885907!16s%2Fg%2F1ymyg1tb?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI1MTIwMi4wKXMDSoASAFQAw%3D%3D. Acesso em: 07 DEz 2025.

Figura 58. Canal SSC. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=828896489821277&set=a.193923443318588&type=3&mibextid=wwXlfr&rdid=WzVAnY9zv1DiUklq&share_url=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2Fshare%2F1AU4nFVsj1%2F%3Fmibextid%3DwwXlfr#. Acesso em 07 Dez 2025.

